

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

TALUZA ALVES TRIPOLI

Um olhar histórico sobre o curso de Matemática da Universidade do
Sagrado Coração

Bauru – 2003

TALUZA ALVES TRIPOLI

**Um olhar histórico sobre o curso de Matemática da Universidade
do Sagrado Coração**

Monografia apresentada à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade do Sagrado Coração referente ao projeto aprovado pelo programa de Iniciação Científica FAP/USC Sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ivete Maria Baraldi.

Bauru - 2003

Dedico este trabalho a todos que fizeram, fazem e farão parte da história do curso de Matemática da USC.

AGRADECIMENTOS

- A todos os colaboradores: Maria Isabel, Elizabeth, Márcia, Sandra, Maria Cecília, Júlio, Fátima, Ana Lucia, João Renato, Camila, Irmã Geni, Maria José, que contribuíram com seus relatos enriquecendo nosso trabalho.
- À minha orientadora Ivete, que me incentivou, acreditou e confiou em mim.
- Aos meus pais Adeilda e Rui, que sempre estão ao meu lado. E ao meu namorado Edson pelo companheirismo.
- Ao Ronaldo pelo apoio técnico.
- A Deus por me dar forças para não desistir, diante de todas as dificuldades.
- A todos aqueles que, direta ou indiretamente, possibilitaram a realização deste trabalho.

“Não, não tenho caminho novo. O que tenho de novo é o jeito de caminhar.”

Thiago de Mello

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo primordial construir **uma versão** histórica do curso de Matemática da USC, próximo de completar trinta anos de funcionamento. Esta reconstrução foi efetuada por meio do estudo de documentos oficiais, de arquivos pessoais (fotos, livros, lembranças) e entrevistas com “antigos” professores e alunos de Matemática, traduzida nesta monografia, bem como num arquivo incipiente dos registros orais (gravação das entrevistas) armanezados em mídias digitais e que serão entregues ao acervo do Núcleo de História da USC, fontes estas que servirão para futuras pesquisas. Dessa maneira, esta monografia apresenta uma revisão da literatura, destacando algumas características da região de Bauru, da Universidade do Sagrado Coração e do curso de Ciências com Habilitação em Matemática, como também as textualizações das entrevistas efetuadas e breves considerações sobre o trabalho desenvolvido.

Unitermos: Curso de Matemática, História, Universidade do Sagrado Coração, Curso de Ciências – Habilitação em Matemática, Bauru.

ABSTRACT

The main purpose of this paper is to reconstruct a history of the Mathematics course of USC, about to complete thirty years of functioning. This study was made through the collection of official documents, personal files (photographs, books, memories) and interviews with former teachers and students of Mathematics. The information collected is registered in this paper as well as in an incipient file of oral records (records of the interviews) recorded in digital media and that will be given to the collection of the “Núcleo de História da USC” (History Center of USC). These sources may provide further information for other researches. In conclusion, this paper presents a review of literature, emphasizing some characteristics of the region of Bauru, the Universidade do Sagrado Coração (USC) and the Science course with Qualification for Mathematics. It also presents the summaries of the interviews and brief considerations about the research that was developed.

Key-words: Mathematics course, History, Universidade do Sagrado Coração, Science course – Qualification for Mathematics, Bauru.

SUMÁRIO

RESUMO NA LÍNGUA VERNÁCULA	05
RESUMO NA LÍNGUA ESTRANGEIRA	06
1. INTRODUÇÃO	09
2. REVISÃO LITERÁRIA	11
3. MATERIAIS E MÉTODOS	30
4. RESULTADOS	35
5. CONCLUSÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS.....	73
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	74

Observação: a numeração das páginas da versão impressa é diferente desta *on line*.



1 – INTRODUÇÃO

A Universidade do Sagrado Coração – USC de Bauru – em 2003, comemora seu cinquentenário de fundação. Surgiu em 1953, batizada como FAFIL, foi fundada para formar professores do interior do Estado de São Paulo. Hoje em dia, atendendo às transformações sociais, também possui cursos de formação e de preparação de diversos profissionais.

Na década de 1970, com o intuito de atender à demanda social que, frente à expansão da rede oficial de ensino, exigia professores habilitados em cursos superiores para atuarem nos níveis básicos da educação escolar, foi criado o Curso de Ciências – Habilitação em Matemática, vinculado ao Departamento de Ciências Exatas e Naturais.

Ao longo desses quase trinta anos de existência do curso, a Universidade do Sagrado Coração formou, aproximadamente, 300 professores de Matemática, sendo que a maioria atuou ou está atuando nos ensinos fundamental e médio e uma pequena parte atuou ou atua no ensino superior, tendo prosseguido seus estudos ao nível de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado). Atualmente, o curso conta com duas professoras que foram formadas e estão atuando no mesmo.

Nos últimos anos, o curso de Ciências com Habilitação em Matemática sofreu diversas modificações devido às solicitações da LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) 9.394/96, mudando ao nível de grade curricular, de conteúdos programáticos e de nome, passando a ser denominado Licenciatura em Matemática.

Os acertos de hoje, no curso de Matemática, são frutos do árduo trabalho dos seus primeiros professores e alunos, como também seus problemas, suas contradições ou incoerências e muitas das características da formação do professor de Matemática pela USC. Para entendermos o presente que se mostra e projetar o futuro, se faz necessário desvelar o passado.

Além das disposições legais e de alguns documentos oficiais que regimentam o funcionamento do curso, encontrados na Pró-Reitoria Acadêmica da USC, não existia algum outro tipo de material (escrito ou oral) que traduzisse alguns momentos do curso, de forma histórica e contextualizada social ou politicamente. Desse modo, muitos dos professores e dos alunos que possuíram vínculo com o curso de Matemática, bem como seus projetos, produções científicas e ações, foram esquecidos no tempo devido à insatisfatória ou

inexistente documentação escrita ou oral; os professores e alunos atuais pouco ou quase nada sabem sobre a história do curso.

As idéias ou ideais, as angústias, as urgências, os materiais utilizados, os livros estudados, os erros, os acertos, as ideologias, o profissional que o mercado solicitava... quais eram? Quais as características que se repetem nos dias de hoje?

As aulas, os temas estudados, as conquistas, as derrotas, os professores inesquecíveis, os alunos mais aplicados ou os mais falantes... como eram? E hoje, como são?

Os primeiros passos, os caminhos tortuosos, as belas paisagens, as trilhas desbravadas... para onde conduziram os personagens que construíram o curso de Matemática da USC?

Borges (2001), em seu *História da Eternidade*, indaga-se “como teve início a eternidade?” e, parcialmente, responde ao assinalar que há elemento de passado e futuro em todo o presente, esboçando que um olhar é apenas um pequeno traço do presente. Deste modo, com o intuito de compreender o presente e de resgatar a memória do curso de Matemática da USC, próximo de completar trinta anos de desenvolvimento, pretendemos lançar sobre ele um olhar histórico e esboçar uma versão para o que vem acontecendo ao longo desses trinta anos.

Sendo assim, neste trabalho temos como objetivo primordial reconstruir uma história do curso, resgatando sua memória através da pesquisa de documentos oficiais, de arquivos pessoais (fotos, livros, lembranças) e entrevistas com “antigos” professores e alunos de Matemática. Essa “(re)construção” está traduzida neste documento escrito, bem como num arquivo incipiente dos registros orais (gravação das entrevistas) armazenados em mídias digitais e que serão entregues ao acervo do Núcleo de História da USC. Estas fontes orais servirão para futuras pesquisas.

Nesta monografia, portanto, apresentamos uma revisão da literatura, destacando algumas características da região de Bauru, da Universidade do Sagrado Coração e do curso de Ciências – Habilitação em Matemática. Descrevemos também a metodologia empregada na pesquisa e para a estruturação do nosso trabalho. Ainda, apresentamos as textualizações das entrevistas, sendo que estas constituem a parte principal da monografia, pois através das vozes dos depoentes, que não são anônimos, é que se dará uma (re)construção histórica do curso.

2 – REVISÃO LITERÁRIA

2.1 Bauru: cidade do interior paulista, berço da Universidade do Sagrado Coração.

Diante da intenção de contextualizar nosso trabalho de pesquisa, sentimos a necessidade de delinear algumas características da cidade de Bauru, para que melhor possamos compreender o surgimento, as transformações e as dificuldades desta cidade.

Segundo a Enciclopédia dos municípios brasileiros (1957), Bauru, é um nome de origem indígena, do termo tupi guarani, “ybá – uru”, que significa “cesto de frutas”.

A cidade de Bauru esta situada no centro-oeste do estado de São Paulo, edificada no Vale do Ribeirão Bauru, acompanhado de seus afluentes. Devido à grande quantidade de arenito encontrada nesta região e por ser de difícil acesso, Bauru, desde seus primórdios, ficou conhecido como “terra branca” ou “sertão”.

Bauru teve como seu primeiro desbravador o bandeirante Manuel Lopes, por volta de 1750. No entanto, sua tentativa de permanência foi frustrada devido à resistência dos índios de origem desconhecida que viviam às margens do rio, esses eram conhecidos por “ybá – uru”.

Vários outros ficaram conhecidos como pioneiros, entre eles: Pedro Nardes Ribeiro (1834), proprietário de Matas; José Gomes Pinheiro Veloso (1849), posseiro no “sertão de Bauru”; e Pedro Francisco Pinto (1852), morto às margens do rio Batalha.

Felicíssimo Antonio Pereira e Antônio Teixeira do Espírito Santo, por volta de 1856, foram os primeiros a se estabelecer na região. O primeiro, para garantir a posse, deslocou-se até Botucatu para registrar sua terra, dando início à história da cidade e aos documentos escritos relativos ao domínio de Bauru.

A cultura do café, que entrou no Estado pelo Vale do Paraíba, chegou ao interior possibilitando, assim, o nascimento e o desenvolvimento de muitas cidades, inclusive o de Bauru. Com a decadência das minas de ouro, muitos mineiros, fluminenses, pessoas vindas do Vale do Paraíba, vieram para a cidade em busca de novas terras para o cultivo do café.

As terras bauruenses atraíram, por exemplo, o mineiro Azarias Ferreira Leite, que se fixou na Vila de Bauru com sua família e com o sogro João Batista de Araújo Leite. Juntamente com outros nomes importantes, a cultura cafeeira teve grande impacto na economia da pequena Vila devido às grandes fazendas que estavam em sua redondeza, tais como, Val de Palmas, de José Ferreira Figueiredo; da Faca, de Joaquim de Toledo Piza e Corumbá, entre outras.

A Vila de Bauru também se fortaleceu e atingiu significativo desenvolvimento com a chegada de imigrantes, oriundos de diversas localidades, sobretudo no final do século XIX. Como consequência, os bauruenses passaram a desejar a elevação da Vila de Bauru a Distrito de Paz, embora houvesse a oposição de Fortaleza, sede do Município, e de Lençóis, sede da Comarca. No entanto, a elevação se deu em 30 de agosto de 1893, pela Lei n.º 209, decretada pelo Congresso Legislativo e promulgada pelo presidente do Estado Bernardino Campos Cesário Mota Júnior. Desta forma, foram realizadas eleições para a escolha do primeiro Juiz de Paz bauruense, sendo eleito, por unanimidade, João Batista de Araújo Leite, com quarenta votos, que passa a legalizar todos os fatos ocorridos no Distrito de Paz de Bauru, cuja instalação se deu em 06 de julho de 1894.

À época, Bauru ainda pertencia ao Município do Espírito Santo da Fortaleza, em estado de decadente. Contudo, o Distrito de Paz de Bauru detinha a maioria do eleitorado, sessenta e seis eleitores contra vinte e quatro de Fortaleza e nas eleições ocorridas em 30 de julho de 1895 foram eleitos os vereadores bauruenses João Antonio Gonçalves, José Alves de Lima, Manuel Jacinto Bastos e Domiciano Silva, contra dois de Fortaleza, Joaquim Crispim Alves Ferreira e José Teodoro Petente, este presidente da Câmara.

Com essa vitória, os vereadores transfeririam a sede do Município para Bauru utilizando-se do que ficou conhecido como o “Golpe do Relógio”: os vereadores de Bauru partiram para Fortaleza em 07 de janeiro de 1896, iniciando seus trabalhos na Câmara com meia hora de antecedência, sem a presença do presidente e do outro vereador, pois haviam adiantado seus relógios.

Segundo o depoimento de Domiciano Silva (BAURU Edição Histórica, p.15), a mudança da sede do Município foi “aprovada por unanimidade”, apesar dos protestos do presidente ao tomar conhecimento. Todos os móveis pertencentes à Câmara foram trazidos para Bauru, que passou ser a nova sede do Município. Em 1.º de agosto de 1896, os vereadores iniciaram seus trabalhos em Bauru.

No início do século XX, conforme nos esclarece Pelegrina e Zanlochi (1991), Bauru apresentava um grande crescimento populacional e, embora suas terras brancas não tivessem favorecido a cultura cafeeira, o comércio havia se fortalecido.

A ferrovia também chegou a Bauru no início do século XX, trazendo outro atrativo para a cidade que favoreceria ainda mais seu crescimento populacional.

Com o Decreto n.º 5.349 de 18 de outubro de 1904, o ponto inicial da malha ferroviária da Companhia de Estradas e Ferro Noroeste do Brasil – NOB – ficou estabelecido em Bauru. Posteriormente, a sede administrativa desta companhia também seria alocada na cidade. Em 1905, chegaram os trilhos da Sorocabana e, em 1910, os da Companhia Paulista, tornando, assim, o entroncamento ferroviário bauruense o maior da América Latina. Juntamente com os trilhos chegaram muitas outras pessoas que vieram “tentar a vida” em Bauru.

As linhas férreas que costuravam Bauru, aos poucos, chegaram a vários pontos do Brasil. O crescimento rápido da população e do comércio local que se estabelecia ao redor da ferrovia, favorecia a expansão dos limites territoriais bauruenses.

Em 1910, é apresentado o projeto de lei para a criação da Comarca da cidade de Bauru que foi instalada em 09 de março de 1911, definido seus limites territoriais, obedecidos até os dias de hoje.

No entanto, mesmo com o desenvolvimento econômico em pleno vapor, a população bauruense carecia de uma melhor infra-estrutura, ou seja, a construção de hospitais, oportunidades de empregos, meios de transporte e implantação de escolas.

Desse modo, o primeiro Grupo Escolar é fundado em 1913 que mais tarde, em 1938 passou a ser denominado como Rodrigues de Abreu.

Embora Bauru fosse a sede da Comarca, segundo Brandão (1998), o ensino na época era deficitário, as escolas públicas não conseguiam combater o analfabetismo.

Quando o jornal “O Comércio de Bauru”, de janeiro de 1916, destacado na obra de Brandão (1998), noticiou o interesse dos padres em fundar uma escola para a formação de jovens, este fato teve grande repercussão na cidade:

Achavam-se na cidade vários padres missionários do Sagrado Coração de Jesus, que desejam fundar um ginásio, de acordo com o programa oferecido do Ensino, preparando jovens para matriculas nos cursos superiores da República.
(BRANDÃO, 1998, p. 19)

A idéia era criar um ensino católico para a formação de jovens e, em 1922, é inaugurado o Externato São José, pelo Padre Francisco Van der Mass, atual Colégio São José. Em 1926, as Irmãs da Congregação das Apóstolas do Sagrado Coração, chegaram a Bauru, com o intuito de administrar o externato e transmitir conhecimentos culturais, religiosos e educacionais. Hoje em dia, ainda são as religiosas desta congregação que administram o Colégio São José.

Em 1934, é criado o Ginásio do Estado pelo então prefeito de Bauru, o major Antônio G. Fraga, tendo sua aula inaugural ocorrida em 28 de maio de 1935, com o professor Antônio Xavier de Mendonça. Outro fato importante para a educação de Bauru, ocorreu no mesmo mês e ano, no dia 29, onde deu-se o registro da escola Liceu Noroeste que tinha na direção o professor José Ranieri.

A educação escolar em Bauru, era até 1938, por meio de classes numerosas e mistas e não existia a quarta série primária. Somente na década de 1940 é criada a quarta série primária nos grupos escolares e, neste período, já existiam seis grupos escolares (estadual).

A carência de professores para a alfabetização também era muito grande e somente em 1948 surgiu o primeiro curso normal destinado à formação de professores para as séries iniciais, antigo Ginásio do Estado, que mais tarde passou a ser conhecido por Instituto de Educação Ernesto Monte. Também nesta época foi criado o curso primário no Instituto, que serviu como local de estágio para o curso normal.

Na década de 1950, de acordo com a Enciclopédia dos municípios brasileiros (1957), Bauru atingiu 168.169 habitantes e era necessário que a cidade acompanhasse o crescimento de sua população, oferecendo novas oportunidades na área educacional.

Em 1952, existia em Bauru a Faculdade de Direito da Instituição Toledo de Ensino e, em 1953, surge a FAFIL (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras). E, em 1962, foi instalada a Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo - USP. Ainda, em 1967, é criada a Fundação Educacional de Bauru – FEB – que, em 1988, foi incorporada à Universidade Estadual Paulista – UNESP.

Hoje em dia, Bauru, nos seus cento e sete anos de emancipação política, tem uma população estimada de trezentos e dez mil habitantes. Possui, ainda, em torno de noventa e oito mil pessoas matriculadas em estabelecimentos escolares públicos e particulares. Atualmente, existem seis entidades de ensino superior, entre elas as citadas anteriormente e a Universidade Paulista - UNIP, Faculdades Integradas de Bauru - FIB e Instituto de Ensino

Superior de Bauru - IESB, atendendo a uma população de, aproximadamente, dezesseis mil estudantes¹.

¹ Cf. <www.uol.com.br/bauruemia/cidade.htm> Acesso em 19 jun. 2003

2.2 Traços do nascimento da USC

A idéia da criação de uma faculdade surgiu devido a diversos fatores, entre eles destacam-se a localização privilegiada de Bauru, no centro do Estado de São Paulo e com seus limites abrangendo outras regiões, e também a necessidade de formar professores para atuarem no ensino oficial que, à época, se expandia e não possuía docentes em número suficiente.

Ainda nesse momento, o país passava por diversas transformações, sob o governo de Getúlio Vargas; as mulheres passavam a ter seus direitos conquistados, o que, de uma maneira ou outra, as influenciava a procurar uma formação profissional.

A sugestão de uma faculdade veio do Bispo Dom Trindade, em 1949 e, então, no início da década de 1950, inicia-se a corrida para a instalação da escola superior, norteadas pela Irmã Arminda Sbrissia, que, à época, vivia em São Paulo e era secretária Provincial do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus. Desse modo, em 15 de agosto de 1951, a Congregação das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus apresentou os primeiros documentos ao Conselho Nacional de Educação, para viabilizar a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Em Bauru, a Irmã Clara Milani, diretora do Colégio São José, discutia qual seria o melhor local para a instalação da faculdade e verificou que a melhor possibilidade seria no prédio em que funcionava o Grupo Escolar Rodrigues de Abreu, localizado na metade da quadra do São José. No entanto, alguns problemas burocráticos inviabilizaram o início imediato da construção e seria necessária a negociação com o Governo do Estado.

Somente após uma reunião ocorrida no dia 05 de setembro de 1951, com as Apóstolas do Sagrado Coração e outros elementos do governo provincial, decidiu-se pela instalação da Faculdade no próprio prédio onde funcionava o Colégio São José (Figura 01).

A FAFIL foi autorizada a funcionar pelo decreto n.º 34.291 de 20 de outubro de 1953, publicado no diário oficial de 04 de novembro de 1953, página 7.056, oferecendo os cursos de Geografia e História, Letras Neo-Latinas e Pedagogia.



Figura 01: Instalação da FAFIL - Corte da fita simbólica pelo prefeito Municipal Dr. Nuno de Assis acompanhado pelo vice-prefeito professor José Ranieri, Padre Leopoldo Van Liempt.

Fonte: Álbum 01, foto 01. Arquivo Biblioteca Central “CorJesu”.

Ainda em negociação com o Estado, superando problemas burocráticos, as Irmãs conseguiram a cessão do prédio do Grupo Escolar Rodrigues de Abreu e doaram, em troca, um terreno localizado na avenida Duque de Caxias (esquina com a Rua Virgílio Malta), onde hoje funciona atualmente a escola Rodrigues de Abreu.

O novo prédio da FAFIL finalmente é inaugurado em 07 de março de 1954, com a presença de ilustres, tais como: Professor Elias D’Annunziata, Dr. Eufrásio Leite de Toledo, Madre Maria Ângela Mequeleto, Madre Clara Milani, Dr. Nuno de Assis, Dr. Antonio Serralvo Sobrinho, Prof. Anibal Campi, Padre Pedro Paulo Koop, entre outros (Figura 02).



Figura 02: Sessão solene de Instalação da Fafil em 07 de março de 1954 (do terceiro membro da mesa, da esquerda para a direita: Prof. Elias D'Annunziatta, Dr. Eufrásio Leite de Toledo, Madre Maria Angela Mequeleto, Madre Clara Milani, Dr. Nuno de Assis, Pe. Leopoldo Van Leimpt, Dr. Antonio Serralvo Sobrinho, Dr. Giulio Leoni, Prof. Anibal Campi, Pe. Pedro Paulo Koop).

Fonte: Álbum 01, foto 02. Arquivo da Biblioteca Central "CorJesu".

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras nasceu não apenas com o propósito de formar para o exercício do magistério, conforme palavras do padre Pedro Paulo Koop no dia da inauguração:

Esta faculdade não visa, porém, ser apenas um instituto de formação profissional superior. O seu objetivo precípua é ser um foco de cultura verdadeiramente humana, empregado do mais puro espírito cristão, para os jovens brasileiros que se destinam ao magistério e para os que embora desinteressados do ensino pretenderem, todavia, adquirir um complemento de formação literária, científica, filosófica e teológica, tendo em mira seu próprio aperfeiçoamento para melhor desempenho de sua missão no seio da família e da sociedade. (ANUÁRIO 1954, p. 05)

Segundo as palavras do padre Pedro Paulo Koop, na inauguração da faculdade, para organizar o corpo docente“(...) recrutou elementos de grande relevo, figuras de notável cultura brasileira e cristã, formando destarte uma Congregação de elevado prestígio e autoridade.” (ANUÁRIO 1954, p. 06)

No primeiro ano de funcionamento, a FAFIL contou com apenas sessenta e sete alunos. No entanto, conforme podemos verificar nas tabelas abaixo, a procura pela formação superior aumentou significativamente nos anos posteriores. (Tabelas I e II)

TABELA I – DADOS ESTATÍSTICOS: ALUNOS MATRICULADOS

	PEDAGOGIA					GEOGR. E HIST.					HISTÓRIA				
	1º	2º	3º	4º	T	1º	2º	3º	4º	T	1º	2º	3º	4º	T
1954	26	–	–	–	26	19	–	–	–	19	–	–	–	–	–
1955	26	20	–	–	46	16	12	–	–	28	–	–	–	–	–
1956	28	22	20	–	70	14	11	11	–	36	–	–	–	–	–
1957	32	14	21	15	82	35	9	13	8	65	–	–	–	–	–
1958	32	22	12	17	83	44	23	9	12	88	–	–	–	–	–
1959	32	25	20	11	88	–	41	18	8	67	21	–	–	–	21
1960	39	24	23	17	103	–	–	37	8	45	30	10	–	–	40
1961	41	24	20	15	110	–	–	–	27	27	14	21	7	–	42
1962	25	29	17	19	90	–	–	–	–	–	15	11	18	7	51
1963	34	14	28	18	94	1	–	–	–	–	17	11	10	19	57

Fonte: Anais 1954/1964, p.263

TABELA II - DADOS ESTATÍSTICOS: ALUNOS MATRICULADOS

	GEOGRAFIA					NEOLATINAS					ANGLO-GERM.					TOTAIS ANUAIS
	1º	2º	3º	4º	T	1º	2º	3º	4º	T	1º	2º	3º	4º	T	
1954	–	–	–	–	–	22	–	–	–	22	–	–	–	–	–	67
1955	–	–	–	–	–	13	16	–	–	29	11	–	–	–	–	114
1956	–	–	–	–	–	22	9	12	–	43	15	9	–	–	24	173
1957	–	–	–	–	–	10	14	10	7	41	20	8	8	–	36	215
1958	–	–	–	–	–	15	11	11	9	46	11	13	7	8	39	256
1959	–	–	–	–	–	18	13	6	11	48	17	9	7	8	41	265
1960	–	–	–	–	–	12	13	13	6	44	13	16	5	6	40	272
1961	14	–	–	–	14	13	11	10	10	44	11	10	14	3	38	275
1962	7	8	–	–	15	21	13	9	10	53	11	9	7	10	37	250
1963	5	3	7	–	15	9	16	12	11	48	17	10	9	8	44	258

Fonte: Anais 1954/1964, p.263

A FAFIL foi reconhecida, após três anos de funcionamento, pelo decreto n.º 40.486 de 20 de novembro de 1956.

No ano de 1964, dez anos após a instalação da Faculdade de Filosofia, o Instituto das Apóstolas consegue transformar o antigo Conservatório Musical Pio XII em Faculdade de Música. Esse Conservatório é a escola de música mais antiga de Bauru, fundado em 1928.

Em meados da década de 1960, a procura pela faculdade se multiplicava e em decorrência do aumento do número de alunos, o sonho da expansão da FAFIL já havia sido lançado pela Irmã Arminda, que após doze anos na direção em 12 de abril de 1965, faleceu e seu cargo foi assumido pela Irmã Rosalva Motter que, com a finalidade de atender ao mercado de trabalho e expandir o ensino superior, implantou novos cursos: Ciências - primeiro grau, Psicologia e Estudos Sociais.

Em 1966, com a necessidade de crescimento físico da Faculdade, foi lançada a pedra fundamental onde ali se ergueria a FAFIL, na rua Irmã Arminda Sbrissia. A construção era necessária, devido ao grande aumento no número de estudantes e porque suas estruturas localizadas no centro não comportavam mais os cursos.

As obras se iniciam em 1969, arquitetadas por Jurandyr Bueno Filho, que teve ainda a participação de Alfred Tallat, Edgar Gonçalves Dente e Ana Maria de Biasi. Em 1970, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras começou a funcionar em suas novas instalações, ainda inacabadas, constituídas apenas pelos prédios, que hoje são os atuais blocos F e G, e a residência das irmãs.

Na década de 1970, foram instalados os cursos de Habilitação em Matemática e em Biologia e Enfermagem.

Em suas novas instalações e com a abertura dos novos cursos, a faculdade passou a atender, não somente ao interior paulista, mas outros estados também. Desse modo, Jurandyr Bueno Filho, iniciou projetos para a expansão da faculdade. Nessa época, as irmãs, os alunos, docentes e funcionários também começaram a sonhar com uma universidade, conforme descrito por Brandão (1998) no livro *Universidade do Coração: 100 anos de história*.

No entanto, para que a idéia de transformar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Universidade pudesse se efetivar, era necessário, primeiramente, unificar as três faculdades: Filosofia, Ciências e Letras, Enfermagem e Música. Essa unificação foi concretizada e aprovada em 1980, tornando-se Faculdades do Sagrado Coração – FASC. O

símbolo foi criado de acordo com a arquitetura dos prédios, onde as colunas representam a força, o equilíbrio e a colocação em aberto quer dizer crescimento e expansão (Figura 03).



Figura 03: símbolo da FASC.
Fonte: Federação das
Faculdades do Sagrado
Coração, 1978/1979, capa.

De acordo com o depoimento da Irmã Jacinta Turolo Garcia, “*Vivia-se um período difícil*” e, ainda:

Em todas as universidades havia a maior agitação, um movimento contra as escolas particulares. Eram greves, boicotes às mensalidades, passeatas, concentrações... A luta para se tornar universidade esbarrava na lei. O MEC tinha fechado as possibilidades, após a reforma do ensino, proibindo a abertura de novas universidades. Outras grandes faculdades no Brasil estavam empenhadas no mesmo processo. (BRANDÃO 1998, p. 56)

A transformação da Faculdade em Universidade se deu em várias etapas. A primeira delas foi a elaboração de uma “carta consulta”, documento que era dirigido ao MEC (Ministério da Educação e Cultura) como forma de solicitar a conversão em Universidade. Esta carta foi entregue ao Conselho Federal de Educação, em 21 de dezembro de 1983 e recebeu o protocolo de n.º 23.001.00595/83-0. A solicitação de transformação foi aprovada em 1984 e ratificada em 1985, sendo fixado o prazo de um ano para o acompanhamento do processo.

A expectativa era grande, inclusive para os bauruenses. No período de 1985 a 1986, a Faculdade recebeu três visitas de Comissões do MEC: uma em agosto, outra em outubro de 1985 e a última em fevereiro de 1986, quando foi elaborado o relatório posteriormente aprovado pelo Conselho Federal de Educação, em primeiro de abril de 1986. Desse modo, em 29 de abril de 1986, o ministro da Educação Jorge Konder Bornhausen assinou a Portaria n.º 294/86, surgindo então, à Universidade do Sagrado Coração.

Juntamente com a Universidade, surgiam também os cursos novos: de Farmácia, Ciências Habilitação em Química, Secretariado Bilíngüe, Tradução, Análise de Sistemas,

Habilitação em Magistério para Deficientes Mentais e para Pré-Escola. O novo símbolo representado por linhas sóbrias, paralelas reuniu as atividades de ensino, pesquisa e extensão (Figura 04).



Figura 04: Símbolo da USC.
Fonte: <www.usc.com.br>

Somente no dia 06 de junho de 1986 foi realizada uma cerimônia formal e a Irmã Elvira foi nomeada reitora da Universidade.

Em 2003, a USC comemora dezessete anos de sua estrutura como Universidade, bem como festeja o jubileu de cinquenta anos de fundação da sua geratriz: a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – FAFIL.

Em festa, com sua atual reitora Irmã Jacinta Turolo Garcia, comemora também, com sobriedade, o cumprimento de seu papel como Universidade nos campos do ensino, da pesquisa, da extensão e da prestação de serviços à comunidade.

2.3 Curso de Ciências – Habilitação em Matemática: “O curso de Matemática”

O curso de Matemática da Universidade do Sagrado Coração, no ano de 2004, comemorará trinta anos de existência e trabalho na formação de professores.

Desta forma, é importante que alguns traços de sua trajetória sejam rememorados, pois muitas mudanças ocorreram e várias são as benfeitorias propiciadas por este curso, em seus anos de existência, principalmente por formar professores de maneira competente e coerente com a filosofia humanística da USC.

Antes de retraçarmos uma história do curso de Matemática, é necessário esboçar algumas idéias do que acontecia com a educação brasileira nas décadas de 1960 e 1970.

Segundo Daibem e Caserio (1996, p. 55), a década de 1960 foi “(...) marcada pelo início da democratização do ensino quanto ao acesso (...)”, o que caracterizou a urgência em se formar profissionais, já que a rede escolar se expandia e era criado o curso noturno que proporcionava que pessoas com problemas de freqüentar a escola durante o dia pudessem estudar.

Podemos verificar que a Educação nesse período passava por transformações e que dessa maneira eram necessários professores habilitados, com formação superior, para atuarem no ensino.

No interior de São Paulo, em específico na região de Bauru, não existia centros de formação de professores, com exceção dos cursos destacados anteriormente. Dessa maneira, muitas disciplinas não possuíam docentes habilitados. Com relação à formação de professores de Matemática, como podemos perceber nos estudos, ainda em conclusão, de Baraldi (2003), no final da década de 1960 e nos primeiros anos de 1970, somente em Rio Claro, Campinas e São Paulo poderiam ser encontradas faculdades que oferecessem o curso de Matemática.

Legalmente, na década de 1960, existia o curso de Matemática, aprovado em 14 de novembro de 1962 pelo Parecer n.º 295/62, com duração de quatro anos conforme Conselho Federal de Educação (CFE, 1981). Este acabou sendo extinto e substituído mais tarde, por meio do Parecer n.º 1.687/74, pelo curso de Ciências com Habilitação em Matemática (CFE, 1981). No entanto, como salientado acima, na FAFIL também não existia o primeiro destes cursos, apenas, no final da década de 1960, possuía o de Ciências de Primeiro grau.

O curso de Ciências – 1.º grau consistia na formação de professores polivalentes que, segundo o Parecer n.º 81/65 aprovado em 12 de fevereiro de 1965, era justificado pelos seguintes aspectos:

em primeiro lugar, o professor ginásial não há de ser um especialista, em segundo lugar, do ponto de vista pedagógico formativo, o ideal seria que, no primeiro ciclo, o mesmo mestre pudesse ocupar-se de mais de uma disciplina; finalmente, porque viria contribuir para resolver o problema da falta de professores. (LDBEN, 1968, p. 399)

Este curso, em âmbito federal e local, teve um caráter emergencial, ou seja, suprir rapidamente a falta de professores para lecionar no primeiro ciclo e, ainda, em caráter precário, no ciclo colegial. Como este tinha uma duração máxima de três anos, possibilitava que se tivesse profissionais habilitados com maior rapidez e abrangia toda a área de iniciação à ciências, incorporando os campos e autorizando a lecionar Matemática, Biologia, Física, Química e Geologia. A idéia do Conselho Federal de Educação era de criar um currículo que envolvesse tanto as disciplinas pedagógicas quanto às de conteúdo, formando desse modo um conjunto.

Autorizado a funcionar na FAFIL pelo Parecer n.º 256/67 de 1º de setembro de 1967 e pelo Decreto Federal n.º 61.916 de 15 de dezembro de 1967, conforme Anuário de 1979. Suas atividades iniciaram em 1968, com uma carga horária de 2.430 horas e devendo ser cumprido em três anos.

A grade curricular do curso de Ciências da FAFIL estava assim distribuída:

Curso de Ciências²

Disciplinas Pedagógicas

- 1 – Psicologia da Educação
- 2 - Elementos de Administração
- 3 – Didática
- 4 - Prática supervisionada de matemática e iniciação a Ciências

Disciplinas de conteúdo

- 1 – Física
- 2 – Química
- 3 – Matemática
- 4 – Biologia

- 5 – Geologia
- 6 – Desenho
- 7 – Filosofia
- 8 – Introdução a Teologia

Durante os seis anos em que esteve funcionando, formou vários professores que saíram da Faculdade para atuarem no mercado que carecia de docentes habilitados.

Com as novas perspectivas para as décadas de 1970 e 1980, o curso implantado na década de 1960 se tornou inadequado. Dessa forma, ao curso de Ciências serão incorporadas algumas habilitações, deixando de ser uma “habilitação geral”, passando a ser uma “habilitação específica”, de forma plena. De acordo com a Resolução n.º 30/74, do Conselho Federal de Educação (1981), o licenciando que cursava a parte comum do curso de Ciências também poderia optar por uma habilitação. Também, o professor formado poderia completar sua graduação com uma habilitação³. Ainda, conforme a Resolução 37/75 de 14 de fevereiro de 1975, que dispunha sobre a implantação progressiva do curso de licenciatura, este curso seria “(...) implantado progressivamente e, a partir do ano letivo de 1978, tornar-se á obrigatório como licenciatura única da área científica com habilitação geral em Ciências para atuar no ensino de 1º grau e as habilitações específicas, no 2º grau” (CFE, 1981, p. 119).

Na FAFIL, foi criado o curso de Ciências – Habilitação em Matemática⁴, passando a funcionar no ano de 1974, autorizado pelo Parecer n.º 1.647/74 de 05 de junho de 1974 e pelo Decreto n.º 74.330 de 29 de julho de 1974, publicado no Diário Oficial de 1974. Sua grade curricular era composta por uma parte comum, com os objetivos de oferecer uma base para o prosseguimento dos estudos e uma parte específica da Habilitação em Matemática. Ainda, era possível concluir o Bacharelado em Matemática.

A parte comum do curso abrangia disciplinas do primeiro grau, Matemática, Física, Química, Elementos de Geologia e Biologia; a parte específica destinava-se à formação do professor para o ensino do segundo grau.

Em princípio, o currículo do curso era distribuído da seguinte forma:

² Cf. Dados retirados do Guia FAFIL 1969, p. 184

³ No relato da professora Elizabeth Matiazzo Cardia, apresentado na seção seguinte deste trabalho, é destacada a volta de ex-alunos à Faculdade para efetuarem a complementação de sua formação por meio da habilitação.

⁴ Nesta época também surgem na FAFIL outras habilitações para esse curso. No entanto, nosso enfoque será apenas para a Habilitação em Matemática.

Disciplinas⁵:

Comuns

- 1 – Língua Portuguesa
- 2 – Filosofia
- 3 – Metodologia das Ciências
- 4 – Teologia
- 5 – Estudo de Problemas Brasileiros

Específicas

- 1 – Matemática
- 2 – Biologia Teórica e Experimental
- 3 – Física Teórica e Experimental
- 4 – Química Teórica e Experimental
- 5 – Geologia Teórica e Experimental

Pedagógicas

- 1 – Psicologia da Educação
- 2 – Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1.º grau
- 3 – Didática
- 4 – Prática de Ensino Ciências
- 5 – Prática de Ensino Matemática

Disciplina Especial

Educação Física

Optativas

Habilitação em Matemática

Específicas

- 1 – Cálculo Dif. e Integral

⁵ Cf. Dados retirados do Manual do Estudante 1978/1979, p. 25 e 27

2 – Álgebra

3 – Análise de Matemática

4 – Geometria Analítica

5 – Matemática Aplicada

Pedagógicas

1 – Psicologia da Educação II

2 – Estrutura Func. Ens. 2.º grau I

3 – Instrumentação p/ Ens. Matemática

4 – Didática II

Comum

Teologia

Optativas

É importante lembrar que neste curso não era possível somente optar por fazer apenas a parte da licenciatura em Ciência, era necessário sua continuação com as Habilitações tanto na Matemática ou na Biologia.

Em toda a sua extensão, a preocupação era a de formar professores e desenvolver, segundo o Anuário (1979, p. 38), as “habilidade do raciocínio abstrato e verbal, atenção concentrada, exatidão, memória, iniciativa e meticulosidade, facilidade de comunicação.”

A grade curricular do curso sofreu diversas mudanças para adequar-se às necessidades dos professores em formação. Também, neste período o curso contou com diversos docentes que fizeram parte da formação dos licenciados.

É importante destacarmos que, em 1999, foi instalado o Laboratório de Matemática, na sala F17. Este espaço foi uma grande conquista para o curso e inclusive para os alunos que passaram ter uma referência, tanto para estudo quanto para reuniões. Neste laboratório, são encontrados diversos recursos materiais didáticos que servem para a utilização nas aulas, bem como para empréstimos para consultas. Estes materiais foram adquiridos mediante doações e também confeccionados pelos próprios alunos da USC, principalmente nas aulas de Prática de Ensino de Matemática (Figuras 05, 06 e 07).



Figuras 05 e 06: Laboratório de Matemática – F17.

Fonte: *in loco*

Figura 07: alunos de Prática de Ensino de Matemática manipulando jogos didáticos.

Fonte: *in loco*

Hoje, o Curso de Ciências – Habilitação em Matemática está em fase de extinção, cede seu espaço às novas exigências do século XXI e às diretrizes da LDBEN 9.394/96. Com a nova LDBEN, os cursos de Ciências com habilitações devem ser extintos e substituídos pelos de Licenciatura Plena. Dessa maneira, o curso de Matemática não possui mais a parte voltada para Ciências, sendo retirado de seu currículo as disciplinas referentes à Biologia, Geologia e Química⁶.

Dessa forma, o curso da USC, nos dias atuais, forma seus últimos profissionais com habilitações. Desde 1998, um novo curso foi estudado e estruturado pelos docentes do Departamento de Ciências e Exatas e Naturais, em específico, os que possuíam vínculo direto

⁶ No relato da professora Maria José Lourenção Brighenti, apresentado na seção seguinte deste trabalho, podemos identificar essas mesmas considerações.

com o anterior. Este novo curso, Licenciatura em Matemática, começou a funcionar no ano de 2001, com um projeto pedagógico desenvolvido com o intuito de atender às exigências e diretrizes da Lei, bem como a demanda do mercado de trabalho da área educacional. No curso atual, respeitando os pressupostos básicos da LDBEN, procura-se desenvolver os conteúdos muito além da dimensão conceitual, pois eles não têm sustentação em si próprios, contemplando-os também na dimensão de procedimentos e atitudes, isto é, pretende-se favorecer uma formação voltada para o desenvolvimento da autonomia de seu aluno, de modo que este seja capaz de resolver problemas do seu cotidiano e se sinta engajado na sociedade em que vive. Também, busca-se ofertar oportunidades para que o profissional da educação, em formação, conheça e utilize novas tecnologias e se reconheça como investigador da sua própria prática, refletindo sobre as ações realizadas nas suas salas de aula.

Em 1999, o curso de Ciências – Habilitação em Matemática passou a ter como coordenadora a professora Dr.^a Maria José Lourenção Brighenti. Ainda ela está em exercício e também coordena o curso de Licenciatura em Matemática.

3 – METODOLOGIA DE PESQUISA

Para atingir os objetivos desta pesquisa, utilizamos uma abordagem qualitativa, que segundo Bogdan e Biklen (1982 apud LUDKE & ANDRÉ, 1986), “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

Desse modo, as fontes utilizadas foram escritas e orais. As fontes escritas foram obtidas por meio do levantamento, coleta e pesquisa de dados em documentos oficiais, informes acadêmicos, ata de formaturas, anuários, anais e até mesmo fotos, bem como das textualizações das entrevistas realizadas. Estas foram relatos orais de professores e alunos que estiveram ou estão ligados ao curso de Matemática, além da Coordenadora atual e da Irmã responsável pelo Departamento de Ciências Naturais e Exatas.

Portanto, a história é reconstruída através das vozes dos colaboradores bem como, através de fotografias e documentos escritos.

Ainda, nesta pesquisa, tomamos o cuidado de contextualizar historicamente o curso de Matemática na USC e, esta, na região de Bauru.

Para o levantamento, coleta e pesquisa dos dados utilizamos os seguintes métodos e materiais:

3.1 Entrevista

A partir de um levantamento inicial de nomes das pessoas que poderiam ser contactadas, foi estabelecido um roteiro para a entrevista com perguntas semi-estruturadas que de acordo com Ludke e André (1986, p. 34): “(...) se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.”

O roteiro utilizado foi o seguinte:

1. *Quando o (a) senhor(a) se tornou aluno/professor do curso de Matemática da USC?*

- *Quais eram as características dessa época (social, política, econômica, educacional)?*
- *Como eram as aulas, os livros e os materiais usados?*
- *Como eram os alunos daquele tempo? (colegas de turma)*
- 2. *Por que sua opção em ser professor de Matemática?*
- 3. *O que representou (ou representa) o curso de Matemática da USC, em termos profissionais e pessoais?*
- 4. *Quais fatos relevantes destacaria que aconteceram durante seu vínculo (ou se ainda permanece vinculado) com esse curso?*
- 5. *Como caracterizaria a formação do professor de Matemática oferecida por este curso?*

Foram realizadas doze entrevistas com professores, alunos, ex-alunos e professores, coordenadora de curso e responsável pelo Departamento de Ciências Exatas e Naturais. As entrevistas assim ficaram distribuídas:

- uma ex-aluna da década de 1970;
- duas ex-alunas da década de 1980 e, atualmente, professoras atuantes no curso de Matemática;
- uma ex-aluna da década de 1980, única concluinte do curso de bacharelado;
- uma ex-professora do curso entre as décadas de 1970 e 1980;
- dois professores do curso, contratados na década de 1980 e em exercício até o momento presente;
- dois ex-alunos da década de 1990;
- uma aluna da década de 2000;
- coordenadora do curso de Matemática desde 1999;
- Irmã responsável pelo Departamento no qual o curso de Matemática está vinculado;

As entrevistas foram devidamente agendadas e gravadas em fitas cassetes (que são documentos orais e serão devidamente arquivadas).

Estas entrevistas passaram por alguns processos, semelhantes aos utilizados em história oral, com o intuito de serem constituídas fontes escritas também. Dessa maneira, os processos utilizados foram a **transcrição** e a **textualização**. A transcrição da entrevista consistiu na passagem literal e rigorosa das palavras da fita para o papel. Após a fase da **transcrição** foi feita a **textualização** destas entrevistas que segundo Meihy (2000, p. 90) consiste em “(...) suprime-se as eventuais perguntas que, fundidas nas respostas, superam sua importância. O texto passa, pois, a ser predominantemente do narrador que figura como figura única por assumir o exclusivismo da primeira pessoa.”

Desse modo, as textualizações nos permitem resgatar a história do curso, de maneira que ao ler essas, o leitor fará suas próprias conclusões, pois de acordo com o autor Meihy (2000, p. 35) “(...) o leitor é um agente ativo o qual, ao ler um depoimento não precisa ser conduzido a conclusões que ele mesmo saberá elaborar”.

Salientamos, ainda, que nossos depoentes não são anônimos, pois, embasados nas técnicas da história oral, é a maneira que encontramos de possibilitar a co-autoria a esta história resgatada e detalhada pelas suas vozes. Também, os colaboradores forneceram um termo de consentimento para que pudéssemos divulgar seus dados.

3.2 Pesquisa Documental

Segundo Caulley (1981 apud LUDKE & ANDRÉ, 1986), a pesquisa documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse.

Na etapa de pesquisa documental, utilizamos os anuários e anais da Universidade e também, os informes acadêmicos, atas de formatura, pareceres e decretos, livros descritivos sobre a história da chegada das Irmãs até a construção da Faculdade. Ainda, utilizamos, referências bibliográficas sobre Bauru e fotos.

A pesquisa documental requer apenas investimento de tempo e atenção por parte do pesquisador para selecionar e analisar os mais relevantes segundo Ludke e André (1986, p. 39).

As fotos obtidas para digitalização, algumas foram cedidas pelos entrevistados, outras foram retiradas das bibliografias consultadas do Acervo da Biblioteca e do Núcleo de História da USC.

Alguns documentos também foram digitalizados afim de viabilizar o seu arquivamento neste trabalho.

Estes documentos complementam as fontes orais, fornecendo detalhes do que foi dito ou ressaltado pelos colaboradores, bem como informações para a constituição do corpo teórico referente ao curso de Matemática. Dessa forma, estamos considerando que ambas as fontes, orais ou escritas, possuem a mesma importância, embora de natureza, enfoque e tratamento distintos .

3.3 Das Dificuldades

As dificuldades sentidas, desde o início da pesquisa, foram devido à escassez de materiais sobre o tema proposto.

Muitos dados não foram esboçados nos documentos oficiais de maneira que pudessem fornecer traços do curso. As poucas fotos encontradas não continham legendas, o que inviabilizou o reconhecimento das pessoas e do momento em que foram tiradas, como também, algumas delas possuíam má qualidade de impressão.

Encontramos muitas dificuldades para efetuar o levantamento dos nomes dos ex-alunos para as eventuais entrevistas: muitos alunos não eram de Bauru; como o curso, no ano de 1968, era apenas Ciências (somente no ano de 1974 passou-se a oferecer as Habilitações) foi realmente complicado encontrar nas atas de formatura nomes de formandos do curso de Matemática, pois não existia, ainda, a separação por áreas de conhecimento. Os registros de formandos eram feitos, todos, em um mesmo livro e muitos dos alunos só vieram, nesta época, para fazer a complementação apenas. Essa situação das atas só veio a se modificar em 1986 com a separação por departamentos.

Também notamos que alguns documentos e trabalhos de alunos foram perdidos.

Destacamos, ainda, que recebemos alguns “nãos” e também não pudemos contar com a preciosa colaboração da professora que foi atuante no curso por mais de vinte anos. No entanto, isso não diminuiu a qualidade do nosso trabalho, apenas o privou de alguns detalhes.

Por fim, esclarecemos que neste trabalho não pretendemos apresentar análise ou um detalhamento das tendências que podem ser detectadas nas entrevistas. Isso se deve, sobretudo, à limitação de tempo para execução da pesquisa. No entanto, entendemos que nosso trabalho não se encerra nesta monografia e que os dados coletados serão de fontes para outros pesquisadores. Dessa maneira, pretendemos, em outro momento, retomar esses dados e apresentar uma análise sobre os mesmos.

4 – RESULTADOS

O Curso de Matemática da USC: múltiplas vozes e olhares

Neste tópico do trabalho, apresentamos as textualizações das entrevistas de nossos colaboradores. Procuramos apresentá-las numa ordem cronológica, ou seja, elas aparecem de acordo com a época em que o colaborador esteve vinculado ao curso de Matemática, com o intuito de fornecermos ao leitor detalhes e características (segundo a ótica do entrevistado) próprias do momento rememorado.

Dessa maneira, a primeira textualização apresentada é da professora Maria Isabel, ex-aluna do curso na década de 1970. Posteriormente, apresentamos a da Elizabeth, ex-professora do curso nas décadas de 1970 e 1980. Márcia e Sandra foram alunas do curso na década de 1980 e tornaram-se professoras do mesmo. A professora Maria Cecília foi aluna no final da década de 1980 e única concluinte do Curso de Bacharelado, na década de 1990. Os professores Júlio e Fátima Regina assumiram aulas no curso na década de 1980 e estão em exercício até os dias de hoje, mostrando assim outras perspectivas. Os colaboradores João Renato e Ana Lucia foram alunos do curso nos anos 90. A aluna Camila ingressou no curso em 1999 e concluiu-o no primeiro semestre de 2003, destacando assim uma outra época. Por fim, apresentamos as textualizações da Ir. Geni, responsável pela direção do Centro de Ciências Exatas e Naturais, e da professora Maria José, coordenadora do curso.

Bauru, 22 de novembro de 2002.

Maria Isabel Mucheroni de Carvalho Leme

Comecei minha vida acadêmica no curso de Engenharia na Fundação Educacional, mas como tive problemas durante minha gravidez, fui obrigada a trancar a faculdade por dois anos. Quando pude voltar, decidi pelo curso de Matemática da USC, pois sempre tive facilidade com a área de exatas e me identificava. Não me lembro quando entrei na faculdade, mas eu terminei o curso em 1979 (Figura 08).

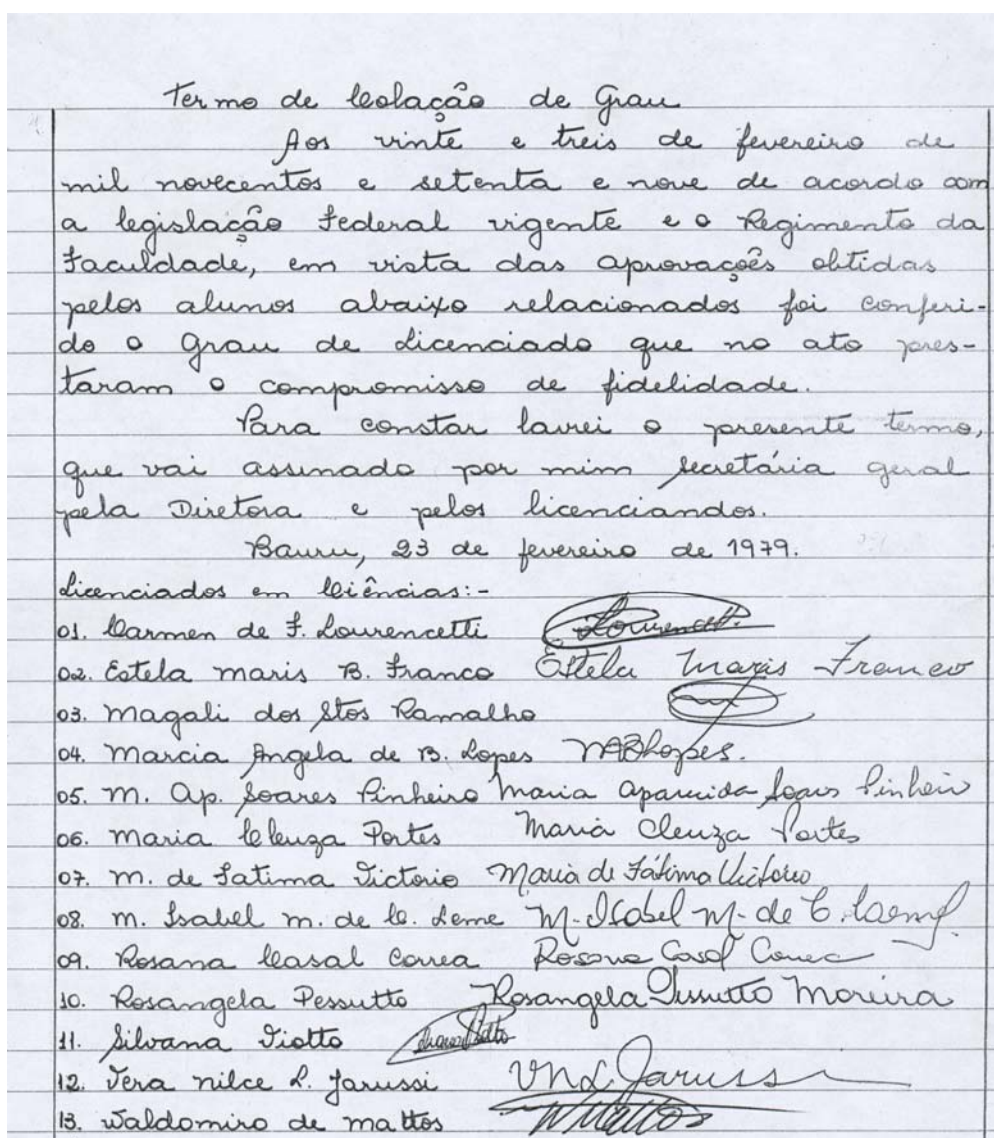


Figura 08: Termo de Colação de Grau da Maria Isabel.

Fonte: Ata de Colação de grau, livro n.º 2.

Era uma época difícil, tanto o econômico como político, em que poucos tinham acesso a uma universidade e ter um diploma universitário. Eram poucos os jovens que chegavam ao curso superior, porque a maioria parava na oitava série ou no colegial. Para me manter na faculdade, também não era nada fácil e eu só consegui, pois trabalhava no laboratório de Química da USC e porque lecionava no Sesi. O privilégio social de fazer um curso superior era mesmo da classe média alta. A política que estávamos vivendo era totalmente extrema e não podíamos expor nossas idéias, quaisquer deslizes eram considerados perversos ou comunistas com idéias subversivas.

Apesar dessa situação que vivíamos, a Faculdade nos oferecia os laboratórios de Física, Química, Geociências. Não tinha ainda o laboratório de Anatomia e também não tinha a informática que hoje temos. Eram poucos os cursos, mas as Irmãs sempre trabalharam para que fosse oferecido ao aluno o melhor, principalmente na biblioteca porque era época difícil de se comprar livros devido o próprio poder aquisitivo. A própria continuação dos estudos, naquele tempo, para os professores era de difícil acesso. Muitas vezes, eles tinham que sair de Bauru para fazer um mestrado, doutorado, o que hoje não mais acontece, pois a cidade já comporta estes.

Mesmo com todas essas dificuldades da época, a nossa turma era muito unida. Estudávamos juntos, não tinha aquela separação de cada um estudar em sua casa, um tirava as dúvidas do outro, emprestava a lista de exercícios, e ainda não existia a monitora, o que exigia fossemos amigos e companheiros. O que proporcionou que, até hoje, nos encontremos, mesmo seja a minoria, pois uns casaram, mudaram-se daqui; mas é uma grande festa quando nos reunimos.

As nossas aulas eram expositivas e utilizávamos os livros que emprestavamos da biblioteca. Também usávamos apostilas, mas os professores limitavam-se a dar aula, eram bastante rígidos e não existiam projetos como hoje. No entanto, eram aulas de Matemática mesmo, ou seja, nós entrávamos com aula e saíamos com aula. As avaliações, na época, eu acredito que não avaliavam o que o aluno sabia, devido à própria exigência dos professores, mas avaliavam o que era desejado que ele soubesse.

Fazer o curso de Matemática representou na minha vida profissional e pessoal a felicidade de poder ver bem sucedido os meus alunos, cruzar com eles pela rua, e ouvir eles dizerem: “Olha a professora Maria Isabel!”. Isso é gratificante e sinto que me realizei como professora. Muitas vezes, você pode até gostar de Matemática, mas não tem a didática para transmitir. No entanto, sempre tive essa facilidade e nunca tive alunos que me dissessem que

detestavam Matemática. Hoje, os alunos estão bastante exigentes, sempre querendo saber o porquê estão aprendendo isso ou aquilo, desse modo sempre procuro trazer a matemática para a vida deles. No entanto, nas minhas avaliações, avalio o conteúdo que dei para aferir se conseguiram atingir o objetivo que estava prevendo.

A minha formação, oferecida pela Universidade foi excelente e saí realmente capacitada a para dar aula. Na minha época, os professores eram muito bons e sei que agora estão melhores ainda, pois não deixo de acompanhar a evolução e ver que realmente acompanharam o desenvolvimento dos jovens.

Por fim, depois que me formei, como já lecionava, continuei. As aulas de matemática só assumia uma ou outra vez quando precisava. Realmente, eu apenas assumi a minha matéria quando os meus filhos cresceram um pouquinho onde comecei dar aulas no Estado e estou até hoje.

Bauru, 14 de dezembro de 2002.

Elizabeth Matiazzo Cardia

Nasci em São Paulo em 17 de agosto de 1950. Vim para Bauru com apenas seis anos.

A minha opção em ser professora foi despertada ainda quando criança, pois sempre gostei de compartilhar com os outros o que aprendia. A Matemática veio se desenvolvendo com o tempo, já na adolescência, pois era a matéria com que me identificava, que gostava. Entretanto, achei que esse meu sonho seria difícil de realizar-se porque, à época, em Bauru, não havia curso de Matemática e a minha família não teria condições de me manter fora da cidade. No entanto, tive muita sorte porque no ano em que ia prestar o vestibular abriu a Faculdade de Matemática, na Fundação Educacional de Bauru, onde me formei em 1972.

Então, tornei-me professora da FAFIL em 1975, através da indicação da professora Terezinha Jocelen Masson, que, na época, não me recordo bem, se ela foi convidada para trabalhar em outra cidade ou casou-se e mudou-se... enfim, neste período, ela lecionava a disciplina de Geometria Analítica e a substituí.

Em 1975, o Brasil vivia num regime de ditadura. Na capital o problema político era mais discutido pelos alunos, ao contrário do interior. O sistema de créditos foi criado com o objetivo de não permitir turmas muito coesas e unidas, o que fazia com que uma matéria fosse feita em uma sala, outra matéria com outra turma. Desse modo, a filosofia educacional da época não incentivava os agrupamentos de alunos e havia a censura. Vivíamos de aparências, sem saber o que realmente ocorria. Hoje sabemos o que acontecia melhor do que na própria época.

As minhas aulas eram basicamente na lousa. Utilizava as listas de exercícios como forma de auxiliar o ensino, indicava os livros textos não obrigatórios, mas recomendados como fonte de pesquisa e de aprofundamento.

Quanto aos materiais didáticos da época, acredito que já existissem jogos, mas não os utilizava. O computador não existia e talvez fosse uma falha minha não utilizar outros materiais. Ainda na época, nem as cópias xerográficas existiam.

As minhas avaliações eram objetivas, ou seja, prova era prova. Na verdade, sempre fui uma professora bastante exigente nas minhas avaliações, pois tudo o que ensinava gostava de cobrar nas provas. Eu me dedicava demais para dar minhas aulas, então não achava mais do que justo cobrar o que havia sido ensinado. Hoje, vejo que as avaliações devem ser feitas ao longo do período de ensino e aprendizagem.

A relação professor e aluno sempre foi amigável, muito agradável o trabalho com eles em sala de aula. O que me marcou muito enquanto docente, foi dar aulas para o pessoal que vinha fazer a complementação quando a FAFIL criou o curso de Habilitação em Matemática. Muitos alunos que já tinham feito licenciatura curta, ex-alunos, professores que já estavam para se aposentar, voltavam para fazer esta complementação dos estudos. Deste modo, eram pessoas amadurecidas e as salas, muitas vezes, numerosas. No entanto, o trabalho rendia, havia a construção do conhecimento junto com os alunos, coisa que na época não era comum. Depois, essa fase passou e a procura pelo curso foi diminuindo. Cada vez menos interessados e as turmas passaram de cinqüenta para quarenta, de quarenta para trinta e de trinta para vinte e assim foi, até as turmas pequeninas de dezessete alunos. Para trabalhar com essas turmas menores era uma maravilha, porque rendia e havia bastante afinidade entre os professores e os alunos, um conhecia o outro. O que talvez para a Universidade não fosse bom, pois eram turmas deficitárias.

Durante os treze anos que trabalhei na Universidade, praticamente, lecionei todas as matérias. Comecei com Geometria Analítica, lecionei Estatística, tanto para o curso de Matemática como para o de curso Psicologia, Probabilidade, Cálculo Diferencial Integral e as Matemáticas Fundamentais. A única disciplina que lembro-me que não lecionei foi Matemática Financeira.

Existiam as semanas culturais voltadas aos professores, quando aconteciam palestras e estudos dirigidos. No mês de outubro a semana cultural era para os alunos. Os alunos do curso de Matemática participavam, mesmo que não fosse com algum trabalho, mas para ver o que os outros tinham para mostrar. Os alunos tinham interesse em conhecer coisas novas, era uma semana dedicada a eles. E as turmas de Matemática eram muito interessadas, eram pessoas vocacionadas.

Durante o meu vínculo com o curso, ocorreram vários fatos importantes, mas, para mim, acredito que a transformação da Faculdade em Universidade foi o mais relevante. Para todos nós que trabalhávamos na época, era uma torcida. Acompanhávamos as Irmãs preparando todo o material que era extenso... tantas exigências, requisitos. Foram alguns

anos de trabalho e nós ficávamos na torcida. Também a ampliação do prédio, que, antes era só um bloco, foi marcante.

A formação de professor oferecida pela USC, naquela época, já era diferenciada das outras faculdades que tratavam o curso de Matemática como se ele fosse um curso de bacharelado. A Universidade do Sagrado Coração dava aos seus alunos uma cultura geral, tendo na parte pedagógica, Filosofia, Teologia e Língua Portuguesa, mesmo a Matemática ocupando a maior parte da grade curricular, o que é muito importante para a formação do professor de Matemática.

As formaturas do curso de Matemática sempre foram pequenas. Eu, geralmente, participava da cerimônia oficial e da missa. Fui, muitas vezes, indicada como nome de turma e me sentia muito feliz. Você tem a impressão que houve aquela afinidade entre professor e aluno. E o professor que falar que não é bom, não deve estar sendo sincero, pois é uma emoção. Fico emocionada em saber que, naquela época, eu era vista como um exemplo de professor.

Lecionar na USC representou uma realização pessoal e profissional muito grande, pois quando fiz a Faculdade tinha a intenção de ser professora de um curso universitário. Então, foi um projeto de vida profissional que se concretizou.

Enfim apesar de não estar mais na USC, não perdi definitivamente o meu contado com ela, pois é uma referência na cidade e, de vez em quando, estou lá para consultar a biblioteca ou mesmo para pedir apoio ao departamento de Biologia em minha pesquisa de mestrado. Então, nunca deixei totalmente a USC.

Bauru, 11 de dezembro de 2002.

Márcia Marinho Mello do Nascimento

Tornei-me aluna do curso de Matemática da USC no ano de 1982. Nesta época, o vestibular era bem tradicional e o curso de Matemática não era muito concorrido. Minha primeira opção era pelo curso de Nutrição, que era o curso do momento, a segunda opção era Matemática. Também havia prestado, neste período, o vestibular da Fundação Educacional, que não era UNESP ainda, em Engenharia e, apesar de ter sido aprovada e não ter conseguido passar em nutrição, a minha escolha foi pelo curso de Matemática que, no fundo, era o que eu queria.

Quando ingressei na Faculdade, era um período de forte ebulição política dentro das universidades. Era uma época em que os diretórios acadêmicos viviam um momento político muito intenso. Estávamos saindo da década de 1970 e entrando na década de 1980 com muitos resquícios do militarismo. Aconteciam muitas coisas ainda por detrás dos bastidores e que nós não entendíamos o que realmente estava acontecendo. Então, foi um período conturbado politicamente. Porém, economicamente, a situação era outra, pois era muito mais fácil pagar uma Faculdade e o valor não estava tão fora dos padrões. Minha mãe, que era costureira, e o meu pai, que era servente de escola pública, podiam me manter na faculdade particular sem que eu precisasse trabalhar. No entanto, no Estado, estávamos saindo do governo do Maluf em 1979 - 1980 e a perspectiva do professor era de muita luta, pois se ganhava pouco. Inclusive, naquela época, ocorreu uma greve que se estendeu por muito tempo. Ainda hoje, a busca do professor pelo reconhecimento continua.

Não me recordo como foi o meu primeiro dia de calouro na Faculdade, mas lembro que o tempo que passei na Faculdade foi muito feliz e tenho saudades.

Nossas aulas eram expositivas, tradicionais e os materiais que utilizávamos era a coleção do Gelson Iezzi, chamada Fundamentos para Matemática. Nós usávamos estes livros nas aulas de Matemática I, II, III e IV e não existia lista de exercícios e trabalhos, pois comprávamos os livros e fazíamos todos os exercícios, procurando o professor apenas quando tínhamos dúvidas. As avaliações também não fugiam do tradicional, ou seja, fazia-se duas provas, dividia-se e acabou e se não conseguisse a média ficava de exame ou dependência (DP). Ainda, nas provas era somente cobrado aquilo que havia sido ensinado nas aulas. Então, também aprendi, com os professores, que em uma avaliação só se deve

cobrar aquilo que você ensinou durante a aula. No meu caso, a avaliação em que mas sofria era a de Álgebra, porque tinha dificuldades, tendo que estudar mais. Em outras matérias sempre fui muito bem como em Geometria Analítica, Geometria Plana e Cálculo. Um fato que me marcou bastante foi a minha primeira prova com a professora Henriqueta, em Matemática I. Sempre fui boa aluna de Matemática e achava o conteúdo de Matemática I muito fácil. Desse modo, no dia da prova, resolvi todas as questões em vinte minutos e entreguei, o assunto era sobre a teoria dos conjuntos, acreditava ter ido muito bem. Porém, quando recebi a prova, verifiquei que minha nota era só oito, pois havia cometido erros por distração. Foi, então, que a partir deste fato, apesar de continuar fazendo minhas provas muito rápido, comecei a conferir as resoluções antes de entregá-las.

O curso de Ciências – Habilitação em Matemática era misturado com o de Biologia, nos três primeiros anos. Os alunos da Biologia não entendiam o que a Henriqueta explicava nas disciplinas de Matemática, não entendiam Física, nem Química, ou seja, apresentavam dificuldades com a área de exatas e os alunos de Matemática os ajudavam. E, à época, como não queria ser monitora mas sempre ia estudar na biblioteca, ensinava os colegas da Biologia e acreditava já ter jeito para ser professora.

O relacionamento com os professores sempre foi o melhor possível e de muito respeito. Não tínhamos a liberdade com o professor, no entanto, o único professor que brincava conosco, de vez em quando, era o Carlos Klein e que também, às vezes, tínhamos a liberdade de brincar com ele. Mas este tratamento acontecia devido à própria educação da época, ou seja, a relação professor - aluno era mais formal e ninguém entrava e saía da sala durante a aula. Às sete horas estávamos todos na sala, o professor era sempre o primeiro a sair para o intervalo e os alunos saíam atrás. Hoje não é mais assim, pois a relação professor e aluno são bem mais amigáveis.

Naquela época, as semanas culturais que aconteciam não eram específicas do curso, pelo contrário, envolviam todos os cursos. O curso que, geralmente, promovia várias palestras e eventos era o de Enfermagem e nem por isso deixávamos de participar. Entendíamos que a Universidade era conhecimento universal, então, quando o Doutor Zerbine ministrou uma palestra sobre o coração, eu participei. Quando fiz o meu currículo, logo que saí da Universidade, o que mais tinha era semana cultural, pois não deixei de participar de nenhuma.

Para mim, foi muito importante ter participado do diretório acadêmico, que tinha muita força na época. Nós discutíamos sobre os valores das mensalidades, promovíamos

encontros culturais, e era um diretório bem visto pelas Irmãs o que, no entanto, não me tirou o mérito de ser uma boa aluna. Neste tempo, todo mundo conhecia todo mundo e as Irmãs sabiam o nosso nome.

Acredito que o sucesso da minha profissão está alicerçada no curso da Universidade. A formação pessoal, humana, filosófica, religiosa que recebi foi muito importante. Inclusive a minha opção em seguir a religião católica se definiu graças a duas pessoas: ao professor de teologia I, que no momento não me recordo o nome e a Irmã Jacinta. Também considero a minha formação em Ciências muito importante, porque ser um professor hoje não é somente dominar o saber matemático, mas conhecer um pouco de cada ciência e poder discutir com os alunos outros assuntos.

Apesar de tudo que aprendi na Faculdade, sempre tive a consciência que não podia parar e que era necessário buscar o aprimoramento, a especialização. Por exemplo, aprendi como ensinar fração e divisão num dos cursos que participei, visando a formação continuada que deve ser uma constante na vida do professor. Deste modo, entendo que a formação oferecida pela Universidade é tudo que se precisa em termos específicos de matemática, mesmo que não sejam específicos para lecionar. O curso que fiz cumpriu com o seu papel.

Terminei a Faculdade em três anos, pois não trabalhava e podia cursar as disciplinas de manhã, à tarde e a noite. As matérias do Primeiro Ciclo fiz durante o dia e as específicas à noite, pois o curso era noturno.

CONVITE

Márcia Spínho de Abreu
é a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do
Sagrado Coração de Jesus de Bauru sentem-se
honrados em convidar V.S^{as} e Exma. família às
solenidades de formatura da turma de 1984.

Bauru, janeiro de 1985

Figura 09: Folha de rosto do convite de formatura da Márcia.

Fonte: *in loco*

A minha formatura foi muito importante e, também, marcou-me muito (Figuras 09 e 10). Mesmo sendo a única formanda do curso de Matemática, a emoção foi muito forte, mais que no casamento. Concluir uma Faculdade é uma vitória sua e da família que ajuda

financeiramente. Fui a única formanda de Matemática, porque a maioria dos que entraram para fazer o curso comigo, fizeram apenas Matemática I e a parte de Ciências e depois foram fazer o curso vago em Franca, que era mais rápido e mais barato. Também, muitos que permaneceram acabaram cursando menos créditos, porque trabalhavam. Mesmo assim, não considero ter me formada sozinha, pois afinal me formei com os alunos de Biologia, de Letras e de Pedagogia.



Figura 10: Foto da formatura da Márcia Marinho Mello do Nascimento. Da esquerda para a direita: professor Carlos Jeremias Klein, professora Elizabeth Matiazzo Cardia; formanda Márcia Marinho Mello do Nascimento, professor José Marta Filho, professora Henriqueta Beatriz Carolina. Franco Grillo.

Fonte: *in loco*

Tornei-me professora da USC em 22 de fevereiro de 1988. Com olhar de professor, hoje, nesse curso que foi reestruturado para atender às necessidades atuais, muitas coisas melhoraram e outras não. Vejo como positivo a oportunidade de, aprender a trabalhar com novas metodologias de ensino, com dinâmicas, jogos. Mas o lado ruim, é que hoje é tudo muito “mastigado” para o aluno. O relacionamento professor e aluno também mudou, mas o curso continua bom. Este vem de encontro com o mercado de trabalho e os alunos que saem da Universidade e têm obtido sucesso.

Bauru, 21 de novembro de 2002.

Sandra Fiorelli de Almeida Penteado Simeão

Nasci em Jaú, morei em Botucatu por alguns anos e vim para Bauru, no segundo semestre de 1982, onde terminei o terceiro colegial e, em seguida, já entrei na Faculdade. Tornei-me, então, aluna do Curso de Matemática da USC no ano de 1983.

A minha intenção, na verdade, era entrar em uma Universidade Pública e até cheguei a prestar o vestibular para Informática, mas por uma série de motivos não pude fazer o que queria. Eu fui influenciada em ir para a área de exatas ao assistir um episódio da série “Mulher Biônica”, que passava à época, na qual ela programava computadores. Eu achei fantástico e também queria fazer aquilo. Então, como não foi possível, fui para uma Universidade Particular encarando minha segunda opção, Matemática, uma vez que sempre tive facilidade, e bons professores.

Como entrei na Faculdade muito nova, apenas com dezessete anos, não me recordo das características da época. De fato, não me interessava muito por estas questões, principalmente pela parte econômica e política, e não me lembrando nem qual era a moeda utilizada.

Quando cheguei na Faculdade, tive um choque cultural, pois me senti em um ambiente hostil. O curso era noturno, mas o sistema de créditos permitiu que cursasse as disciplinas básicas durante o dia, com pessoas de diferentes cursos. Como só encontrava meu grupo uma vez na semana, não conhecia direito os alunos de Matemática, no terceiro ano, quando passamos a ter disciplinas específicas juntos, houve um entrosamento mais intenso. Acredito que o sistema de créditos atrapalhava a relação e a aproximação dos alunos.

Como o nosso curso era de Ciências – Habilitação, na grade curricular era dividida em três anos de Ciências e um ano de Matemática sendo, este o último ano bastante “pesado”. Para que as turmas ficassem maiores e o “peso” se diluísse, a Irmã Florípes, que era a coordenadora na época, resolveu oferecer as disciplinas do último ano a partir do terceiro. Foi nesse momento que os alunos passaram a se encontrar mais vezes e não mais falar que fazia, Ciências – Habilitação em Matemática, mas sim, Matemática.

No início, não era muito fácil gostar do curso, pois tinha somente disciplinas do Primeiro Ciclo e o único dia que tinha aula de Matemática era na segunda-feira –

Matemática I, que era, praticamente, uma revisão de tudo que já tinha sido visto no colegial. De certa maneira, só vim a conhecer os professores de Matemática no terceiro ano, porque nos dois primeiros anos a professora Henriqueta era a única que conhecia, pois ela a lecionava as disciplinas iniciais. Fiz também algumas disciplinas optativas de Informática (ainda buscando meu objetivo inicial). Passei a me identificar com a Matemática no terceiro ano, quando finalmente comecei a estudar coisas novas da área, como o Cálculo, Geometria Analítica, Álgebra Linear.

A formação oferecida ao professor de Matemática, às vezes, se confundia, pois parecia ser dada maior ênfase à formação do professor de ciências, devido às muitas aulas de Biologia e Química. Desse modo, a Matemática acabava se diluindo. Quando fiz Prática de Ciências, por exemplo, o professor exigiu que fossemos nas escolas públicas montar atividades e ministrar aulas, o que não aconteceu na Prática de Matemática. Nesses momentos, tinha certeza que a ênfase era dada para a formação em Ciências e a Matemática era apenas um complemento.

No entanto, durante a minha formação, aconteceram vários fatos que considero importantes. Quando cheguei na Universidade, na primeira semana de apresentação aos calouros, foram apresentadas todas as atividades que a Universidade oferecia. Interessei-me por certas atividades extras e comecei a participar do grupo de teatro e do coral. Eram atividades diferentes, mas que colaboraram para o meu entrosamento na Faculdade. Fiz também, na época, um projeto da disciplina Metodologia das Ciências, com o professor Muricy, que se chamava “Memória Cultural de Bauru”. Nesta oportunidade, escrevi uma monografia sobre o pintor bauruense Valter Mortari, que hoje esta arquivada na biblioteca ou no Núcleo de Documentação Histórica. Este trabalho era parte integrante do Projeto Rondon e recebi um certificado de participação. Quanto às atividades acadêmicas, fui pré-monitora e monitora de Geometria Plana, Cálculo, Matemática I, II, III e IV, sendo que, geralmente, eram alunos de outros cursos, como Biologia, que me procuravam. Com a monitoria vi que a Matemática era o meu foco principal. Eu gostava muito de ser monitora e eram tantos os alunos que me procuravam, que eu ficava muito tempo na biblioteca ensinando-os e isso me fazia aprender muito, pois estudava os conteúdos de maneira diferente, isto é, tendo que entender para ensinar. Fui bolsista do CPD (Centro de Processamento de Dados) e, no fim, acabei fazendo as duas coisas junto, a Informática e a Matemática. Isso foi bom para o meu desenvolvimento como aluna, porque os outros alunos não participavam das atividades como eu e por este motivo acabei me tornando conhecida.

Todos sabiam que eu era aluna do curso de Matemática que era pouco destacado dentro da Universidade, devido a quantidade pequena de alunos não tinha muita expressão.

Formei-me em 1986, com uma turma de doze ou quinze alunos, e mesmo com os alunos estando dispersos, eu queria uma formatura, pois fazia tempo que não havia uma solenidade do curso de Matemática (Figura 11). Então, fui a presidente da comissão de formatura, porque ninguém se interessou em ser. Deste modo, a nossa formatura aconteceu junto com os cursos de Pedagogia, Biologia e Geografia, com missa e cerimônia solene. Foi uma formatura diferente, porque nós homenageamos todos os professores, não só os professores de Matemática como era o costume, mas desde os do Primeiro Ciclo e os funcionários da Universidade com quem tínhamos contato, não me arrependo de ter feito este curso e acredito ter sido a melhor coisa que aconteceu em minha vida.



Figura 11: Foto da formatura de Sandra Fiorelli de Almeida Penteado Simeão. Da esquerda para a direita (cor amarela): Arlene Pinelli Valarelli, Cleide Aparecida Domingos, Edécio Valvassori, Eliana Benetti Sanches, Elisabete Del Torto, Kátia Maria Viola Conegero, Sandra Fiorelli de Almeida Penteado.

Fonte: *in loco*

No transcorrer do meu terceiro ano de Faculdade, passei em um Concurso Público na CPFL (Companhia Paulista de Força e Luz), onde fui trabalhar. Este emprego não tinha ligação alguma com a Matemática e nem com a Informática. Trabalhava como escriturária e o meu único vínculo com a Matemática era a Universidade. Então, quando me

formei verifiquei que teria a possibilidade de fazer bacharelado, cursando algumas disciplinas e “Métodos e Técnicas da Pesquisa” que era obrigatória. Cursei outras disciplinas, inclusive uma que chamava Canto. Fui procurar coisas diferentes, quem sabe eu não conseguiria relacionar o Canto com a Matemática? No entanto, quando fui procurar um professor para me orientar na confecção da monografia final, nenhum quis assumir o compromisso, porque era difícil um aluno que fizesse bacharelado e porque eles não tinham disponibilidade de tempo. Ainda procurei na UB (Universidade de Bauru), conversei com algumas pessoas, mas era difícil porque eles não me conheciam, e não quiseram assumir esta responsabilidade. Então desanimei, não fiz a monografia final e, não concluí o bacharelado.

Voltei a estudar no ano de 1988, quando fiz outra Faculdade, finalmente, na área de Informática. No final deste ano fui chamada para substituir a professora Henriqueta, que adoeceu, e assumi algumas disciplinas que ela lecionava. Porém, somente fui chamada novamente, para lecionar na USC, no começo de 1990, uma disciplina nova: Geometria Plana II, que não tinha no curso antigo, pois o mesmo havia sofrido uma remodelagem.

Hoje, faz treze anos que atuo como docente na Universidade. Porém, no meu ponto de vista, efetivamente, faz cinco anos que eu realmente assumi a minha profissão: professora de Matemática, com dedicação exclusiva.

Bauru, 26 de junho de 2003.

Maria Cecília Gomes Dionísio

Não me recordo o ano em que ingressei como aluna da Universidade, pois na verdade entrei na Fundação Educacional de Bauru, hoje atual UNESP, onde cursei três anos, e como a Fundação era paga, não tive mais condições de estar arcando com a Faculdade. Foi então, que vim para a Universidade, na época tive a ajuda da Irmã Jacinta e da Irmã Florípes, onde trabalhei como bolsista e acabei cursando os dois últimos anos do curso de Matemática.

Vivíamos em uma época de poucas tecnologias se comparada hoje, no período de universitária não tínhamos sala de computação como hoje existem, mas tínhamos uma salinha com computadores, bem pequenina que íamos de vez em quando com o professor Júlio Terruel. Mas me recordo perfeitamente dos jardins maravilhosos o qual parávamos para ler e estudar. Também neste período existia um grupo de alunos que agitava greves na Faculdade.

Na Universidade fui apresentada às disciplinas de Filosofia, Teologia, conheci o professor Danilo da Cás e a professora Ana Maria Daibem que sempre me incentivaram. Lembro-me do professor Muricy Domingues de Metodologia, da professora de Didática a Mariko, de Química a Setsuko, de Português o Luiz Gonzaga, mas os professores que guardo realmente com grande carinho é o Danilo da Cás e a Ana Maria Daibem, porque eles tinham uma forma diferente de dar aula. Outro professor que também não me esqueço é o Leonardo Paulovich, ele lecionava a disciplina de Cálculo, as suas lousas sempre muito coloridas, organizada, sempre muito caprichoso, suas provas eram sempre bem elaboradas, e assim copei suas lousas, hoje não dou aula sem giz colorido. Então todas estas características aprendi na Universidade, inclusive cheguei a fazer uma matéria em Rio Claro com o Leonardo, onde fui aluna especial por seis meses, não sendo possível continuar por falta de condições financeiras, mas me senti muito orgulhosa de poder estar ao seu lado.

Os alunos do curso de Matemática na realidade nenhum queria ser professor, na verdade faziam Matemática, pois não queriam fazer Administração e nem Economia, inclusive hoje ainda não encontrei nenhum colega de turma lecionando. Desta forma, optei pela Matemática por ser uma paixão, tinha para mim que um dia, mas bem distante não queria mais trabalhar em uma empresa, pois na época eu trabalhava na Tilibra. Vim a

ministrar minha primeira aula ainda na Universidade devido ao incidente ocorrido com o professor Albino Tâmbara, hoje falecido, em que a Irmã Florípes pediu que eu lecionasse Estatística para o curso de Psicologia. Nesta época, ainda era aluna do curso de Matemática, então, preparei a aula e fui, gostei de estar ali ensinando. Foi muito gostoso e depois desta aula, a idéia de lecionar começou a amadurecer em mim, que até o momento, via este somente como um futuro bem distante.

Durante o meu vínculo com o curso conheci várias pessoas, como a Irmã Florípes, a Irmã Geni, a Irmã Jacinta, a Irmã Pierpaula que foram ao meu casamento e que são pessoas que me ensinaram muitas coisas, e que depois de alguns anos vieram a ajudar a tomar decisões na minha vida pessoal. Um fato realmente marcante foi à viagem para Brasília, onde fui como representante do curso de Matemática, junto com as Irmãs, para transformação de Faculdade para Universidade. Foi um grande acontecimento que teve a presença de políticos, do deputado Franciscato, fomos recebidos pelo Ministro da Educação Jorge Bornhausen. Este fato realmente marcou, pois foi a única vez que fui para Brasília. Recordo com carinho o período em que fui bolsista no Departamento de Matemática com a Irmã Florípes, que me dava muitos conselhos. Neste departamento também trabalhavam comigo algumas alunas do curso de Fono, que acabavam fazendo testes comigo, era uma época deliciosa.

Formei-me em 1987 e fui a oradora da turma (Figura 12). Tivemos somente a formatura formal, que na época foi organizada por uma funcionária da Universidade, a Márcia.



Figura 12: Foto da formatura da Maria Cecília (como oradora).

Fonte: *in loco*

Desse modo, depois de formada me casei e como não queria parar de estudar, resolvi fazer o bacharelado⁷. Na época, trabalhava na Tilibra como executiva, pois no último ano da Faculdade, aos vinte e dois anos de idade, fui promovida. Dessa maneira, a minha vontade era fazer algo voltado à matemática e à administração; então, pensei na matemática aplicada à administração de materiais, era área em que chefiava e fazia toda a parte de layout, armazenagem, estudo percentual. Fazia leituras do Sistema Japonês, Teoria Z, Método Deming, a filosofia do método Kanban e, assim, associei as duas coisas, aquilo que conhecia desde os meus quatorze anos e a minha formação. Desenvolvi e concluí minha monografia, em 1991, com o apoio do professor Danilo da Cás e da Ana Maria Daibem que me incentivaram a continuar os meus estudos. Recordo-me perfeitamente que, no dia na defesa pública, o professor Danilo me ligou, foi em casa e me deu muito apoio. Na defesa esteve presente o Ricardo Coube que, na época, era o dono da Tilibra, hoje dono da Tiliform; também estava toda minha família presente, inclusive minha filha de três meses, a Laís. Posteriormente, a Tilibra pagou-me outro curso de pós em São Paulo, na Faculdade Armando Alves Penteado, onde desenvolvi outra monografia.

Comecei a lecionar em 1992, após deixar meu cargo de executiva, quando perdi meu filho. Na época, entrei em depressão e acabei, erroneamente ou não, jogando toda a culpa sobre o meu trabalho, no qual trabalhava dezesseis horas por dia e ganhava muito bem. Foi então, que parei para refletir sobre a minha vida e optei por largar tudo e lecionar. Hoje trabalho as mesmas dezesseis horas, porque tenho que preparar as aulas, mas faço o que gosto, ou seja, gosto de estar em sala de aula, gosto das crianças, dos adolescentes, dos adultos. A escola é o meu espaço de atuação e minhas aulas são diferentes. Acredito na escola pública e que ela, um dia, vai ter a cara que sonho, é claro que ainda existe falta de compromisso, por parte de todos, coisas que ainda precisam ser trabalhadas. Também durante dez anos lecionei no colégio Objetivo onde deixei de lecionar, pois não estava mais feliz, não estava satisfeita profissionalmente de estar treinando alunos para o vestibular. Queria formar cidadãos, mesmo tendo a consciência que os futuros médicos, engenheiros, advogados a maior parcela estão na rede particular, que acabam ocupando as vagas das universidades públicas. Hoje atuo somente na rede pública a qual me efetivei e pretendo continuar.

⁷ DIONISIO, M. C. G. **Matemática aplicada a administração de materiais**: controle, armazenagem e movimentação de materiais. 1991. 261 f. Monografia (Título de Bacharel em Ciências – Habilitação em Matemática) – Universidade do Sagrado Coração, Bauru. Encontra-se arquivada uma cópia na Biblioteca Central “CorJesu” e outra no Laboratório de Matemática.

Na minha formação, acredito que tenha faltado a prática, pois quando nos formamos não adianta chegar em sala de aula e ensinar matemática puramente na lousa, onde acaba ficando a matemática pela matemática, é necessário que o aluno aprenda para que ele não se esqueça. Então, hoje nas minhas aulas utilizo o método formal, informal e novamente o formal onde trabalho a teoria, dou exercícios, depois de ter tomado contato, dou a parte lúdica onde utilizo-me de jogos, trabalho com um projeto de duas professoras da USP e UNICAMP, o Promat (Projeto Oficina de Matemática), não uso livro didático para dar minhas aulas. Já ensinei Geometria e Trigonometria através da construção de uma casinha de boneca, a qual doei ao Cevac (Centro de Valorização da Criança); fizemos um tabuleiro de xadrez, onde ensinei simetria e doamos para o Paiva. Quando vejo que um aluno não está sabendo regrinha de sinal, fração por exemplo, vou logo em meus jogos, e depois volto novamente no formal, isto tudo aprendi com a prática da sala de aula.

Como plano para o futuro tenho a intenção de, no máximo, no próximo ano, estar fazendo um mestrado, sobre jogos que testei em sala de aula. Estou guardando todo o material, fotografando para estar ingressando com um anteprojeto.

Bauru, 24 de fevereiro de 2003.

Júlio César Terruel

Sou Bacharel, formado pela Universidade de São Paulo de São Carlos, e Mestre em Matemática pela UNICAMP. Optei em ser professor no decorrer do curso de Engenharia, que foi minha primeira opção na Faculdade, pois nos primeiros dois anos eram oferecidas diversas disciplinas de Matemática e Física. Percebi, então, que minha vocação era ser professor de Matemática.

À época de minha formação e início de carreira, de um modo geral, não era tão diferente de hoje, em termos da crise do desemprego.

Logo que me formei, fui convidado a lecionar na USC, no final do ano de 1985, uma disciplina no curso de verão. Posteriormente, fui convidado uma segunda vez para ministrar outra disciplina do curso de verão e, então, fui contratado em definitivo.

As minhas aulas, em geral, eram e são expositivas. Recordo-me que, no início de carreira, muitos dos livros que havia utilizado na graduação saíram de edição alguns livros de Álgebra e não houve substituição por novas edições.

Não percebo mudanças significativas no comportamento dos alunos ao longo de minha atuação profissional na USC, principalmente no sentido de que os alunos tem pouco tempo para os estudos, devido aos compromissos profissionais. No entanto, o curso de Matemática oferece uma variedade de áreas de conhecimento que são as disciplinas de Filosofia, Metodologia, além das disciplinas de Matemática e das específicas da licenciatura, proporcionando uma formação de professor mais abrangente.

Após dezoito anos nesta Universidade, o fato especial e, realmente, relevante que ocorreu, para mim, foi a minha admissão como docente, pois, assim me satisfação pessoalmente, exercendo a minha vocação de professor.

Bauru, 26 de junho de 2003.

Fátima Regina Lima Ribeiro

Cursei o ensino fundamental no Colégio São Francisco de Assis e o médio no Prevê Objetivo. Quando estava no último ano do colegial, tinha que me decidir para qual curso iria prestar vestibular. Na época, o curso de Processamento de Dados era o mais procurado, e como sempre gostei da área de exatas, optei em prestar Matemática. Dessa maneira, entendo que foi nesse momento que optei em ser professora de Matemática, principalmente porque minha curiosidade era saber o que estava por trás das regras, técnicas empregadas nas resoluções de problemas e, então, fui em busca dessa resposta. Prestei o vestibular na Fundação Educacional de Bauru, hoje a atual UNESP, fui aprovada, ingressei na Faculdade no ano de 1981 e terminei em 1984.

O curso de Matemática era “a matemática pela matemática”. Tive muitas aulas de Cálculo, Álgebra e Geometria. Durante o curso descobri os porquês que me inquietavam e gostava muito das demonstrações dos teoremas feitas pelos professores. Para pagar a mensalidade da Faculdade, pois a Fundação era particular, resolvia as imensas listas de exercícios, às vezes, com duzentos exercícios de cálculo, derivada, integral, dos alunos de um curso vago de Matemática que funcionava em Marília.

Tornei-me professora da USC em 1988, quando houve a encampação da Fundação Educacional de Bauru pela UNESP. Devido a exigência da UNESP, os professores que lecionavam nas duas escolas precisaram optar pela dedicação exclusiva e a FAFIL, na época, ficou com a falta de docentes. Nesse período, eu havia terminado a Faculdade, mas continuava como monitoria voluntária do curso de Matemática, fui indicada pelos professores da antiga Fundação e convidada a lecionar na USC. Inicialmente, fiquei responsável pelas disciplinas de Noções de Lógica, Matemática, Probabilidade e Estatística. Paralelamente sempre fazendo cursos de atualização e extensão.

Atualmente no curso de Matemática trabalho com as disciplinas de Noções de Lógica, Estatística, Cálculo, Probabilidade, Geometria, num sistema de rodízio, o que é positivo, pois o professor acaba sempre se atualizando, buscando uma nova bibliografia, metodologia e forma de abordar o assunto. Este sistema foi adotado pela coordenadora do curso Maria José e pela Irmã Geni, diretora do Centros de Ciências Exatas e Naturais.

Após quinze anos como professora da Universidade, percebo que os alunos de antigamente possuíam mais responsabilidade e interesse, embora não existissem muitos questionamentos como consequência das décadas de repressão vivenciada pelo país, pois o desafio maior era vencer as dificuldades dos exercícios. Hoje em dia, infelizmente, percebo que os alunos querem tudo muito fácil, ou seja, não possuem uma visão ampla e crítica de aprendizado e querem aprender somente o que vão ensinar futuramente. Acredito que a faculdade é apenas a primeira formação do professor e, então, é necessário ao longo de toda sua vida, no dia-a-dia, na troca de experiências com outros colegas, na vivência da sala de aula, buscar novos conhecimentos. Na verdade nenhuma universidade é capaz de dar a “receita pronta”.

Como professora do curso de Matemática, sempre alerto os meus alunos que eles devem procurar diversas soluções, alternativas e caminhos para lidarem com os problemas que vão encontrar na profissão, tais como, baixos salários, número excessivo de alunos em sala de aula, condições não muito favoráveis quanto a estrutura física da escola pública, entre outros. Também alerto para que observem o ambiente, a direção, os alunos, os professores e tomem tudo o que estão vendo de errado nos estágios, nas escolas como exemplos, para que façam e sejam diferentes.

A procura pelo curso de Matemática da USC, nestes últimos anos, tem sido pequena. Algumas vezes, apenas um aluno se formou e outras nenhum. Então, acredito que, daqui alguns anos, haverá falta de professores de Matemática ... talvez seja dado o devido valor, pois quase não existirão profissionais qualificados para atuarem no ensino. No entanto, apesar da pequena procura, o curso se diferencia devido à sua filosofia humanista, cristã, a qual também me identifico. Os nossos alunos são bem visto no mercado de trabalho, recebemos ligações pedindo professores para atuar na rede pública, particular e o resultado é sempre positivo, em termos de conteúdo, controle de sala de aula, respeito à pessoa. No último concurso público de efetivação na rede estadual tivemos muitos ex-alunos aprovados.

O fato de serem poucos os alunos, embora no começo do curso existam muitos alunos, quando chega o terceiro e quarto anos ficam apenas aqueles que, realmente, querem continuar, então passamos a trabalhar com uma turma amadurecida e a tratá-los como futuros colegas de trabalho.

Durante estes anos, como professora do curso, alguns acontecimentos marcaram. Destaco o fato de duas ex-alunas que ingressaram no CESUB (Centro Educação Supletiva de

Bauru); a formatura com apenas uma aluna; uma única com título de bacharel, a Maria Cecília, da qual fui banca de sua defesa de monografia.

O curso de Matemática da USC está bastante coerente, comparando-se com a UNESP e a UNIP. Os nossos alunos têm as disciplinas do Primeiro Ciclo - Filosofia, Metodologia, Língua Portuguesa, Teologia - que são disciplinas importantes para a formação do professor que precisa falar corretamente e saber elaborar um trabalho. Embora nossos alunos, muitas vezes, reclamam, é importante para a formação da pessoa e os professores e alunos de outras universidades comentam sobre isso. O aluno de hoje tem condições de prosseguir seus estudos por ele mesmo, pois oferecemos alguns caminhos a ele. Dessa maneira, o que diferencia nossos alunos também é a forma como transmitimos a ética profissional e você como professor acaba se tornando um modelo. Sinto que essa dimensão, oferecida pela USC, fez falta em minha formação. No começo de carreira, logo que terminei a Faculdade, fiz terrorismo com meus alunos, pois só enxergava Matemática, Matemática, ... Comecei a me moldar e a perceber que havia algo errado em minhas aulas, pois tinha os alunos mas não tinha platéia para me ouvir. Talvez se tivesse tido esta formação, teria sido diferente. Foi a partir desse momento que percebi que precisa mudar, buscar novos métodos e cursos. Eu cursei cinco especializações na área de Matemática e fiz o mestrado na área de Ensino de Ciências, pela UNESP de Bauru. No meu trabalho de mestrado desenvolvi algumas atividades relacionadas à Geometria dos Fractais, utilizando o “software Geometricks”, lançado em 2000, pelos professores Marcelo de Carvalho Borba e Miriam Godoy Penteado, ambos da UNESP de Rio Claro.

Por fim, muitas mudanças ocorreram da década de oitenta até os dias de hoje. Antigamente, os alunos eram mais individualistas, preocupados com a classificação e a seleção; hoje, o que prevalece é o coletivo, o grupo pensa melhor, as idéias são bem mais trabalhadas, e isso é muito interessante, pois cada um vê de um ponto de vista diferente onde podem surgir grandes trabalhos.

Bauru, 14 de janeiro de 2003.

Ana Lucia Baldassare

Vim para Bauru em janeiro de 1993, com dezenove anos. Hoje já faz dez anos que aqui estou. Mesmo tendo o curso de Matemática em Avaré, decidi por vim para Bauru, pois ouvi falar muito bem da Universidade, e que aqui teria muito mais condições de estar me aperfeiçoando. Na época foi muito difícil convencer meus pais, pois eles não entendiam o porquê de sair de Avaré sendo que na cidade já existia o curso. Ingressei na Universidade em fevereiro de 1993.

Minha opção por ser professora de Matemática veio no Magistério quando, fazia o CEFAM (Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério) no ensino médio, fui da primeira turma do CEFAM de Avaré e então, recebi muitas coisas boas, mesmo com as transições e mudanças; o essencial foi que os professores conseguiram fornecer, para nós, o sentido do que é “ser professor”. No ensino fundamental tive dificuldades com a Matemática, fiquei vários anos de recuperação porque tinha medo da professora. Quando cheguei no Magistério tinha a professora de Metodologia de Matemática, foi quando comecei a entender e compreender a Matemática, pois, até então, decorava para fazer as provas sem que houvesse a compreensão. Desse modo, foi muito bom quando, nos estágios do Magistério pude ajudar as crianças a compreenderem aquilo que estavam fazendo e foi, nesse momento, que percebi qual era o meu dom.

Nesta época, estávamos vivendo algumas mudanças na Educação, deixando um pouco de lado o ensino tradicional. Na parte social, as pessoas estavam bastante voltadas à solidariedade e na parte econômica podia-se notar que mais pessoas estavam tendo acesso à universidade, mesmo nas particulares e podíamos verificar isto no curso de Matemática, que é um curso noturno.

As aulas do curso de Matemática foram sempre voltadas à formação do professores; eram apresentados vários materiais didáticos e referências bibliográficas para que pudéssemos estar conhecendo. No entanto, como comecei a lecionar quando cursava o segundo ano da Faculdade, pude levar os meus problemas da sala de aula para que pudéssemos estar discutindo e buscando uma bibliografia ou um jogo que pudesse ajudar. As listas de exercícios que os professores formulavam geralmente, abrangiam todo o conteúdo e nos víamos que uma disciplina estava interligada com a outra. Os professores quando

percebiam que algum aluno estava com problema em outra disciplina e que era fundamental para o desenvolvimento da sala lembravam o conteúdo, pois estavam sempre preocupados com a formação integral nossa.

Quando iniciei o curso, éramos em trinta alunos, pois nessa turma havia também os alunos de Biologia e Química, devido ao fato de terem no currículo disciplinas de Matemática. No decorrer do tempo, os alunos se dispersaram, uns foram deixando créditos para trás, outros desistiam. Assim, a turma de Matemática se reduziu a quatro alunos, dos que entraram juntos, de três moças e um moço, e acabava sempre nas menores salas da USC, o que proporcionando um contato maior com os professores, como se fossem aulas particulares. Nesta turma, apenas um trabalhava, tornando possível estarmos sempre estudando e fazendo estágios juntos. Éramos realmente empenhados.

As avaliações, principalmente, da parte específica de Matemática eram baseadas no que os professores havia ensinado em sala de aula. Eram avaliações elaboradas, a partir dos objetivos que os professores estabeleciam para a disciplina. Então, as avaliações obedeciam aos objetivos apresentados e aprendi que o professor não tem que avaliar o seu aluno somente através de provas, mas também através do que produz em sala de aula. Recordo-me da professora Henriqueta: ela explicava a matéria, dava alguns exemplos e depois dizia que era a nossa vez de trabalharmos; então fornecia uma lista de exercícios para resolvermos e tirarmos nossas dúvidas.

Durante os anos que passei na Universidade, fui monitora da professora Henriqueta, onde aprendi muito com alunos. Atendia os alunos de Farmácia, Análises de Sistemas, Química, Biologia; era o momento em que podia estar em contato com outros alunos universitários. Outro fato importante, foi o intercâmbio que participei na Espanha. A Irmã Geni me telefonou perguntando se eu gostaria de participar do intercâmbio, fui para Universidade para que pudéssemos estar conversar ela me explicou como funcionava toda a parte burocrática gostei da idéia e era necessário aguardar a seleção; não acreditava que poderia ser escolhida tendo em vista que, este convite, era mandado a todas as universidades que tinha curso de Matemática e interesse pelo intercâmbio. No entanto, quando chegou a resposta que eu realmente iria, não acreditei. Dessa forma, me formei no final de 1996, embarquei em fevereiro de 1997 para a Espanha. Neste intercâmbio, havia alunos de vários lugares do mundo: Rússia, Estados Unidos, Bahia, Rio de Janeiro, Venezuela. Ficamos hospedados em um prédio para estudantes, nos quartos ficavam dois alunos e era o local reservado para estudarmos, dormir, comer. O dia todo passávamos na Universidade que era,

na verdade, de Engenharia. A nossa rotina funcionava da seguinte maneira: cedo pegávamos o ônibus para irmos a Universidade; passávamos a manhã e à tarde na Universidade, assistíamos às aulas, por exemplo de Cálculo que, muitas vezes, era difícil entender o que os professores falavam, mas entendia o que eles estavam fazendo na lousa. Na sala dos professores de Matemática, cada um tinha a sua mesa e existia uma vaga, que utilizei durante os meses que fiquei na Espanha. Basicamente falava com a secretária, que atendia os meus pedidos de material quando precisava e o tutor que era a pessoa responsável pela área de Matemática. Eu tinha acesso livre ao xerox, fax, à biblioteca. Pude observar a vida dos alunos na Universidade, que são como nós: uns desistem da Faculdade, outros conversam na sala, dormem, não fugindo da nossa rotina acadêmica brasileira. Os professores espanhóis são valorizados, geralmente lecionam duas ou três noites e as outras são deixadas para estudarem e ganham pelas cinco noites. Depois de dois meses retornei a Bauru, com uma bagagem cultural muito grande. Trouxe vários materiais entre livros, xerox e fotografias que tirei com os professores. O que foi difícil no retorno, na verdade é que as atribuições de aula já tinham acontecido e eu acabei ficando sem aulas. Fiquei muito preocupada, na época, fui na Diretoria de Ensino e consegui apenas quatro aulas em uma escola.

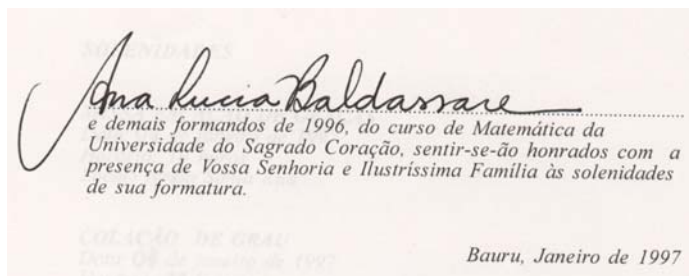


Figura 13: folha de rosto do convite de formatura da Ana Lúcia.
Fonte: *in loco*

Um fato bastante emocionante foi a minha formatura, tanto a missa quanto à colação (Figuras 13 e 14). Saímos da Universidade fortalecidos, acreditando no melhor. A formação que foi oferecida é, realmente, sólida, pois nos foi passado a realidade do ensino de que o aluno tem que aprender de várias maneiras e não de modo mecânico. O professor que estuda antes de lecionar, que não se importa em recordar a matéria, foi a lição que nós deram.



Figura 14: Foto de formatura da Ana Lucia Baldassare da esquerda para a direita: (atrás) João Renato Meneguetti, Sandra Fiorelli de Almeida Penteado Simeão, Kenia Regina Beretta, Ana Lucia Baldassare, Márcia Marinho Mello do Nascimento, Fátima Regina Lima Ribeiro; (frente) Ir. Geni da Silva, Julio Cesar Terruel, Daniele Blanco Pelegrin, Henriqueta Beatriz Carolina Franco Grillo.

Fonte: *in loco*

O curso, de Matemática da USC, na minha vida pessoal, proporcionou um grande crescimento, tanto por poder estar em contato com pessoas sábias, trocando idéias, tanto por conhecer professores, realmente, empenhados na aprendizagem, não nos tratando somente como um número de cadastro. Através das aulas de Psicologia da Educação e de Didática, pude conhecer a realidade do sistema educacional, e, então, saímos da USC sabendo das dificuldades que iríamos encontrar.

Após esta formação, fiz uma especialização na UNESP, quando reencontrei as antigas professoras da Universidade, a Márcia Marinho e a Fátima Regina.

Muitas outras portas se abriram: passei no concurso para o Sesi e leciono nesta escola, de quinta a oitava séries. Também sou coordenadora na E. E. Ernesto Monte.

Bauru, 12 de fevereiro de 2003.

João Renato Meneguetti

Tornei-me aluno do curso de Matemática da USC em 1992.

Nesta época, estávamos vivendo um problema político que era o impeachment⁸. A economia era mais estável e o acesso a Universidade muito mais fácil, porque o número de alunos era bem menor e, por isso, menos concorrido.

As aulas, no entanto, não eram tão complexas como deveriam ser, faltava uma maior cobrança ao aluno. A adoção de livros era raro, ou seja, poucos eram os professores que os adotavam. Vejo também, que os professores não tinham um preparo como deveria se ter para um curso de Matemática e eram poucos os especializados e, inclusive, ocorreram situações em que, alguns deles, não conseguiam resolver certos exercícios, ficando para uma outra oportunidade. Desta maneira, também, as avaliações deixavam a desejar, eram simples demais, de modo que faltava conteúdo nas provas. Éramos avaliados por uma prova bimestral e as demais avaliações eram feitas através de trabalhos.

No entanto, durante o curso, destacaria as aulas do professor Júlio César Terruel, na época, um excelente profissional; ainda os cursos das semanas culturais que foram muito bons.

Os alunos da minha turma, que eram cinco ou seis, eram dedicados e aplicados; eram alunos que tinham, realmente a intenção de serem professores.

A minha opção em ser professor de Matemática aconteceu no ensino médio, uns três anos antes de ingressar na Universidade, pois me saía muito bem na área de exatas. Quando escolhi o curso, pensei que seria, simplesmente, para ter um curso superior, mais depois fui me aprimorando e gostando.

Ainda, enquanto cursava o último ano da Universidade, trabalhava em área distinta da formação em Matemática e fiquei desempregado. Incentivado por um amigo, comecei a lecionar em 1997. Minhas primeiras aulas, numa escola particular, foram difíceis. Quando entrava na sala de aula, tremia ao ver todos os alunos olhando para mim e tinha vontade de sair correndo, porque não tinha preparo de sala de aula. Hoje ministro aulas de

Matemática e devo tudo ao curso de Matemática que proporcionou a minha estabilidade na área profissional e financeira.

Terminei o curso em dezembro de 1996 e atuo como professor há seis anos.

Acredito, que a formação oferecida pelo curso, infelizmente, não proporciona que o aluno saia preparado para lecionar. Talvez o curso deveria exigir mais estágio, cobrar mais do aluno para que ele possa sentir o que é estar em uma sala de aula. Faltou a prática e não a teoria.

⁸ Cf. KOOGAN, A.; HOUAISS, A., 1995. p. 451. Processo que se instaura contras as altas autoridades do governo com o fim de as destituir do cargo por denúncia de infração grave dos deveres funcionais. Em específico, se refere ao Impeachment do Presidente da República Fernando Collor de Mello.

Bauru, 24 de fevereiro de 2003.

Camila de Cássia Marini

Tornei-me aluna do curso de Matemática da USC no ano de 1999, quando prestei o vestibular e fui aprovada.

Minha opção por ser professora de Matemática advém do ensino médio, quando cursava o Magistério. Logo que terminei o Magistério, tinha consciência de que queria ser professora; no entanto, a área de Matemática escolhi tendo em vista ser a que mais gosto.

Hoje, estou cursando o último semestre do curso de Matemática e percebo que as aulas direcionadas ao curso de Matemática apesar de serem muito expositivas, conseguem atingir a idéia de aprendizagem. As aulas expositivas são necessárias para que possamos conhecer a parte teórica da Matemática, pois o curso dispõe de muitos conceitos, o que, muitas vezes, dificulta pôr em prática. Os livros que, geralmente, são indicados pelos professores são excelentes e procuro sempre estar entrando em contato com pelo menos um de cada autor para conhecer sua linguagem.

As turmas de Matemática possuem poucos alunos, o que possibilita conversarmos sobre a “vida de professor”, colocando o nosso ponto de vista sobre a educação, sendo que a maioria leciona e conhece a realidade da sala de aula, assim como eu.

A formação oferecida pela USC vem de encontro com o desenvolvimento do professor através das Práticas de Ensino, das disciplinas de Psicologia da Educação e de Didática, procurando sempre transformar quem busca renovação.

Os professores que atuam no curso são ótimos e estão muito bem preparados, no que diz respeito ao conhecimento. Não basta somente o professor, tem que haver interesse por parte do aluno em estar pesquisando e investigando outros assuntos e conceitos fora da sala de aula.

Desta forma, o curso de Matemática me proporcionou uma realização tanto pessoal quanto profissional, pois devido a este estou lecionando a três anos. E durante estes quatros anos de curso, um fato muito importante que ocorreu, foi o desenvolvimento da

pesquisa⁹, com o auxílio da bolsa de iniciação científica do PIBIC/CNPq (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/Conselho Nacional de Pesquisa). Esta consistia numa investigação sobre quais eram as ações metodológicas que os professores de Matemática estavam realizando em sala de aula, com alunos de sétima e oitava séries do ensino fundamental, sendo desenvolvida em duas escolas estaduais. Foi muito gratificante, porque além de estar em contato com os coordenadores, professores e alunos, através das entrevistas, pude ver o que, realmente, estava sendo feito e aplicado pelos docentes, segundo as propostas do Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s – de Matemática. Na realidade após o término da pesquisa pude constatar que não são muitas as novas ações que estão sendo efetivamente desenvolvidas em sala de aula.

Concluo que o professor deve estar sempre buscando um desenvolvimento contínuo de sua formação, fazendo cursos, participando de seminários, palestras e permanecer atualizando o seu conhecimento e aumentando sua faculdade intelectual.

⁹ MARINI, C. C. **Investigação sobre as ações metodológicas realizadas segundo as metas dos PCN’s de Matemática**. 2002. 70 f. Monografia (Pesquisa de Iniciação Científica) – Universidade do Sagrado Coração, Bauru. Encontra-se arquivada na Biblioteca Central “CorJesu”.

Bauru, 21 de dezembro de 2002.

Irmã Geni da Silva

Eu vim para a USC em janeiro de 1979 e logo assumi a coordenação de Letras, pois é minha primeira formação e a minha segunda formação é em Pedagogia.

Depois de alguns anos, assumi a gerência do Centro de Processamento de Dados, onde desenvolvíamos sistemas para toda a Congregação, isso se deu devido a minha terceira formação que é o mestrado em Análise de Sistemas.

Em 1984, foi fundada a Diretoria de Centros de Ciências e Exatas e Naturais que, posteriormente, fui designada à sua coordenação e fundei o curso de Análise de Sistemas, passando a coordená-lo.

Nesta época, não tínhamos tantos alunos como hoje e podíamos conhecer todos um a um, pelo nome e inclusive suas famílias. Os anos se passaram e, não conhecemos todos os alunos pelo nome, mas não deixamos de ter um carinho especial para cada um.

Hoje, o número de alunos é muito grande. No entanto, observamos uma queda no número de créditos, tendo em vista o momento social e econômico em que estamos vivendo. Porém, apesar de todos estes problemas, a educação oferecida pela USC nunca perdeu sua qualidade.

A ligação que tenho com o curso de Matemática é muito forte, afinal cheguei até o quarto ano de Matemática, mas não terminei devido às transferências que a vida religiosa nos proporciona. Apesar de não ter esta formação completa, tenho uma grande preocupação com esta área, a qual coordenei por um curto tempo. Hoje não trato mais da parte disciplinar, dos conteúdos com os professores, porque temos os coordenadores de cada curso, inclusive o de Matemática. O meu trabalho atual é na parte acadêmica, onde estou sempre ajudando os alunos e eles me ajudando.

O curso de Matemática nos anos de 1980 a 1989 teve uma grande procura, nos anos de 1990, não mais atraiu tanto. No ano 2000, são poucos os que querem Matemática. A maioria dos alunos buscam o curso de Análise de Sistemas, pois eles encontram o computador presentes em seu cotidiano. No curso de Matemática, desde 1990, inserimos disciplinas com ênfase em Computação.

Devido às novas diretrizes, trazidas pela LDBEN em 1996, o curso, antes Ciências com Habilitação em Matemática, passou à Licenciatura em Matemática e bacharelado em Matemática. A Universidade dispõe dos dois cursos, no entanto, o mais procurado é o de Licenciatura, pois o mercado absorve apenas os professores de Matemática. Apesar de um ou outro optar pela área de Ciências, o curso de bacharel esta aí para entrar em funcionamento a qualquer momento. No curso trabalhamos com a computação como ferramenta para a Matemática, utilizando os sistemas básicos e introdução a computação, além de programas específicos da área como o Cabri Géomètre. Hoje, pelo vestibular atual, temos a expectativa de que o curso esteja num momento de nova ascensão, pois o aluno que entra para fazer Matemática quer realmente Matemática e não outro curso.

Bauru, 19 dezembro de 2002.

Maria José Lourenção Brighenti

Sou professora aposentada do Departamento de Matemática da UNESP de Bauru e estou na USC desde agosto de 1999.

Enquanto trabalhei na UNESP, sempre fui docente e nunca quis ser coordenadora de um curso, pois já tinha conhecimento e consciência das dificuldades, do compromisso e do stress que este cargo exige.

Quando me aposentei procurei esta Universidade para lecionar, porque gosto muito da sala de aula.

Após uns dez dias que já estava aqui, a Irmã Geni perguntou-me se eu não queria ser coordenadora do curso de Matemática, pois a comissão do MEC iria vir à Universidade e era necessário uma pessoa na coordenação com título de Doutor.

Na hora fiquei assustada porque o meu objetivo não era este, mas resolvi aceitar. Então, precisei aprender todo o aspecto burocrático e o compromisso que o cargo exige.

Logo que assumi a coordenação, quis saber tudo sobre o curso: qual disciplinas tinha mais alunos, qual tinha menos; quais disciplinas os alunos estavam devendo e em quais queriam se matricular. Foi então que tive um choque, quando vi que a falta de orientação na matrícula, mesmo que contasse com a boa vontade das pessoas que orientavam, era a geradora de problemas para o bom andamento do curso.

Com esse levantamento, percebi que havia uma aluna de Pedagogia, transferida para o curso de Matemática e que já tinha cursado a disciplina Didática (que é um pré-requisito), mas não tinha feito, nem a Matemática I, II, III e IV, e estava fazendo a Prática de Ensino de Matemática. Depois disso peguei o histórico escolar de todos os alunos e organizei uma planilha para registrar todas as disciplinas que os alunos já cursaram e as que faltavam.

Eu ainda não sei se este trabalho teve algum reflexo no curso. Espero que sim pois, como o dia de hoje, que é dia de matrícula, eu fico aqui orientando das 9:00 às 21:00 horas.

Depois de três anos na função de coordenadora, é que posso dizer que estou conhecendo melhor a parte burocrática. Esse processo me trouxe um grande enriquecimento.

No entanto, pelo meu jeito de ser, muito apavorada, preocupada e angustiada, acabo prejudicando a minha saúde, porque não consigo me desligar do trabalho após as oito horas cumpridas. Quem está do outro lado, muitas vezes, pensa que coordenar um curso é fácil. Mas é algo que fica em minha cabeça, não digo vinte e quatro horas porque durmo oito, dezesseis horas por dia. Quando estou lecionando, algumas vezes, lembro que tenho que falar com certo aluno ou que tenho que resolver algum problema ou então, acabo até sonhando que estou conversando com a Ivete ou que estou falando com alunos e isso acaba trazendo problemas para mim (Figura 15).



Figura 15: professora Maria José (sentada) efetuando matrículas dos alunos do Curso de Matemática. Aluna Paula Opromola (em pé).

Fonte: *in loco*

Em 2001, LDBEN 9.394/96, determinou que os cursos de Licenciatura com Habilitação fossem extintos e, então, houve uma mudança no curso de Matemática. Quando vim trabalhar na USC, as professoras Ivete e Sandra trabalhavam em uma nova grade curricular atendendo aos novos anseios educacionais. Desse modo, o curso de Ciências com Habilitação em Matemática, em processo de extinção, foi modificado para Licenciatura em Matemática. As disciplinas que constituíam os cursos de Ciências como Biologia, Química, Elementos de Geologia não existem e passaram a existir conteúdos matemáticos e de Educação Matemática, como por exemplo Metodologia do Ensino da Matemática, que vêm

discutir textos da educação, da prática, ou seja, a união da teoria com a prática. O principal enfoque desse novo curso é ver mais Matemática e mais Educação Matemática.

No entanto, esta experiência é muito gratificante. Depois de trinta anos de magistério era o que faltava fazer. Espero que tenha sido frutífero para o curso.

5 – CONCLUSÕES FINAIS

Nesse momento, podemos destacar algumas considerações sobre nosso trabalho.

O surgimento da USC deu-se numa época de grandes transformações e conquistas para a cidade de Bauru, destacando-se como a primeira Faculdade voltada para a formação de professores. Na década de 1960, surge o curso de Ciências que tinha como intuito formar professores para atender à grande demanda de alunos à procura de formação; assim, este curso recebeu a denominação “Licenciatura de Emergência”, que tinha como objetivo formar professores com conhecimentos em várias áreas.

Por meio das entrevistas, intercaladas à pesquisa documental, pudemos detectar algumas características do curso de Matemática, que nos possibilitam vislumbrar uma versão de sua história.

Em 1974, como forma de adaptar-se às solicitações do MEC, a USC, à época FAFIL, passa a oferecer o curso de Ciências – Habilitação em Matemática, alvo de nosso estudo e prestes a comemorar seus trinta anos de funcionamento.

Percebemos que é pouco o enfoque dado ao curso de Matemática, em termos documentais, o que gerou grandes dificuldades na coleta de dados, mas este foi um dos fatores que motivou-nos a querer saber mais.

O curso de Ciências, com sua habilitação, inicialmente apresentou grande procura, o que, posteriormente, não ocorre, tendo assim, até os dias de hoje, um número pequeno de alunos, o que podemos constatar nas entrevistas apresentadas, em específico, da professora Márcia, que foi a única formada de sua turma. Também, verificamos que somente uma aluna concluiu o bacharelado, Maria Cecília, sendo que o mesmo sempre esteve em funcionamento.

No entanto, o que pode parecer um aspecto negativo para a Universidade, o número pequeno de alunos, traz uma grande benfeitoria para o curso. Esse fator possibilita que a relação professor-aluno seja estreita, favorecendo o tratamento individual, bem como a troca de experiências que desperta, muitas vezes, o licenciando para a profissão, o que foi, em diversos momentos, destacado pelos entrevistados.

Pode ser notado, em várias entrevistas, que o curso de Matemática da USC oferece uma formação diferenciada, devido ao fator mencionado anteriormente e à filosofia humanística da Instituição, reforçada pelas disciplinas do Primeiro Ciclo. Também,

verificamos que os alunos formados neste curso atingiram relativo sucesso em suas atividades docentes.

O número excessivo de aulas expositivas e a pouca exploração da prática docente, enquanto componente curricular, aparecem nos depoimentos como marcas que não foram superadas com o tempo. No entanto, essa característica não é própria somente deste curso, como podemos verificar nas discussões efetuadas sobre o currículo das licenciaturas, em âmbito nacional. Dessa maneira, esses apontamentos servirão como uma forma de incitar a reflexão, possibilitando que novas posturas, por parte dos docentes, sejam assumidas a fim de reorientar a formação do professor de Matemática.

Verificamos, ainda, que, nos últimos anos, os alunos do curso começaram a ser incentivados à pesquisa e à extensão, outras dimensões que devem ser contempladas pela Universidade, além do ensino, como nos mostram as atividades das ex-alunas Ana Lucia e Camila. Ainda, que os alunos estão sendo incentivados a continuarem sua formação, que se deu de forma inicial no curso.

Por fim, gostaríamos de reforçar o que foi descrito anteriormente, que este trabalho de pesquisa possibilitará outros mais, devido à constituição de fontes escritas e orais. Dessa maneira, julgamos que atingimos o objetivo inicial de apresentar uma reconstrução histórica sobre o curso.

Ainda, destacamos que o empenho neste trabalho investigativo proporcionou à aluna-pesquisadora o despertar para a necessidade da pesquisa contínua no fazer do professor e da reflexão histórica sobre a cidade e a instituição em que estuda, favorecendo um crescimento substancial para sua formação profissional, educando o seu olhar de maneira crítica e contextualizada.

E, assim, a história segue sua trajetória... por meio deste trabalho, alguns relatos de experiências e acontecimentos foram contados pelos personagens que estiveram, de uma forma ou outra, vinculados ao curso de Matemática da USC. É importante salientar que cada um tem sua própria história e esta é que nos foi contada.

REFERÊNCIAS

- BARALDI, I.M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru: uma história em construção**. 2003. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – UNESP: Rio Claro. (em fase de conclusão)
- BAURU: edição histórica. São Paulo: Focus, [s.d.]. 102 p.
- BORGES, J. L. **História da eternidade**. Rio de Janeiro: Globo, 2001. 128 p.
- BRANDÃO, I. L. **Universidade do Coração: 100 anos de história**. Bauru: EDUSC, 1998. 95 p.
- BRASIL. DECRETO n.º 74.330, de 29 de julho de 1974. Autoriza o funcionamento dos cursos de Matemática, Ciências Biológicas e de Estudos Sociais da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus. **Diário Oficial da União**, Brasília, 30 de julho de 1974. Seção I, Parte I.
- CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. **Currículos mínimos dos cursos de graduação**. 4.ª ed. Brasília, 1981.
- DAIBEM, I. M.; CASÉRIO, V. M. R. (Orgs.) **Um olhar histórico sobre a educação municipal de Bauru**. Bauru: Prefeitura Municipal, 1996. 217 p.
- ENCICLOPÉDIA dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1957. v. 28
- FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Anais 1954/1964**. Bauru. 301 p.
- FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Anuário 1954**. Bauru, 1954. 47 p.
- FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Guia da Fafil 1969**. Bauru: FAFIL. 204 p.
- FACULDADES DO SAGRADO CORAÇÃO. **Anuário 1979**. Elaboração: Terezinha Santarosa Zanlochi. Bauru: FASC 1986. 209 p.
- FEDERAÇÃO DAS FACULDADES DO SAGRADO CORAÇÃO. **Manual do Estudante 1978/1979**. Bauru. 62 p.
- KOOGAN, A.; HOUAISS, A. **Enciclopédia e Dicionário Ilustrado**: 7100 verbetes, 500 ilustrações, 240 mapas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995. 1644 p.
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. 3.ª ed. Rio de Janeiro: Olímpica, 1968. 565 p.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2000. 111 p.
- PELEGRINA, G. R.; ZANLOCHI, T. S. **Ferrovia e urbanização: o caso de Bauru**. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1991. 48 p.
- Site: <www.uol.com.br/bauruemdia/cidade.htm> Acesso em :19 jun. 2003.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CANDAU, V. M. F. (Coord.) **Novos Rumos da Licenciatura**. Brasília: INEP; Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1987. 93 p.

CHAGAS, V. **Educação Brasileira: o ensino de 1º e 2º graus antes, agora e depois**. 2º ed. São Paulo: Saraiva, 1980, 385 p.

CHAGAS, V. **Formação do magistério: novo sistema**. São Paulo: Atlas, 1976, 161 p.

FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS; FACULDADE DE ENFERMAGEM DO SAGRADO CORAÇÃO; FACULDADE DE MÚSICA PIO XII. **Anuário 1977/1978**. Colaboração: Professor Dr. Muricy Domingues. Bauru: FAFIL:FESC: FACMUS, 1980. 35 p.

FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Anais 1964/1974**. Bauru: FAFIL, 1974. 386 p.

FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS; FACULDADE DE ENFERMAGEM DO SAGRADO CORAÇÃO. **Anuário 1976**. Colaboração: Professora Janete Aguirre Bervique. Bauru: FAFIL:FESC, 1976. 126 p.

FACULDADE DO SAGRADO CORAÇÃO. **Regimento Unificado das Faculdades do Sagrado Coração**. Bauru: FASC, 1980. 113 p.

MAURO, S. **A história da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro e suas contribuições para o movimento de Educação Matemática**. 1999. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

MAYRINK, G. et al. (text.). **Os Frutos da terra Bauru, 1896-1988**. [s.l.]. Agroquiza, 1988. 135 p.

PASSARINHO, Y. I. A. (Org.). **Resoluções e Portarias do Conselho Federal de Educação: 1962 – 1978**. Brasília: CFE, 1979. 500 p.

PELEGRINA, G. R. **Memorial da Câmara Municipal de Bauru: 1987-1996**. Bauru: Fergraf, 1996. 216 p.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 1997. 242 p.

SOUZA, G. L. D. **Três décadas de educação matemática: um estudo de caso da Baixada Santista no Período de 1953 - 1980**. 1998. 298 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO. **Anuário 1987**. Elaboração: Terezinha Santarosa Zanlochi. Bauru: Gráfica da Universidade do Sagrado Coração, 1990. 187 p.

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO. **Catálogo Geral 1992/1993**. Bauru. 217 p.

VILLALOBOS, J. E. R. **Diretrizes e Bases da Educação: ensino e liberdade.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1969. 252 p.